**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**

**ALINNE PERRONE AUZIER DE ANDRADE**

# IMAGENS TELEVISIVAS NA INFÂNCIA:
# DOS LIVROS AO DVD, O MUNDO DE MONTEIRO LOBATO

**Palhoça**

**2013**

**ALINNE PERRONE AUZIER DE ANDRADE**

# IMAGENS TELEVISIVAS NA INFÂNCIA:
# DOS LIVROS AO DVD, O MUNDO DE MONTEIRO LOBATO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof[a] Dilma Beatriz Rocha Juliano, Dra.

Palhoça

2013

A56 Andrade, Alinne Perrone Auzier de, 1975-
Imagens televisivas na infância: dos livros ao DVD, o mundo de Monteiro Lobato. – 2013.
75 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Pós-graduação em Ciências da Linguagem.
Orientação: Prof. Dra. Dilma Beatriz Rocha Juliano

1. Linguagem e línguas. 2. Educação de crianças. 3. Literatura infantojuvenil. 4. Televisão – Programas. I. Juliano, Dilma. II. Lobato, Monteiro, 1882-1948. III. Universidade do Sul de Santa Catarina. IV. Título.

CDD (21. ed.) 400

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária da Unisul

**ALINNE PERRONE AUZIER DE ANDRADE**

# IMAGENS TELEVISIVAS NA INFÂNCIA: DOS LIVROS AO DVD, O MUNDO DE MONTEIRO LOBATO

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 8 de julho de 2013.

Professora e orientadora Dilma Beatriz Rocha Juliano, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina

Professora Eliane Santana Dias Debus, Doutora
Universidade Federal de Santa Catarina

Professora Silvânia Siebert, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico este trabalho a todos os pedagogos preocupados com a aprendizagem de seus alunos e aos amantes das obras de Monteiro Lobato, uma eterna criança.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por nunca me deixar desanimar.

Ao meu marido, Laerte Alves de Andrade Filho, a segunda pessoa mais importante da minha vida, por sempre acreditar no meu potencial, incentivando-me emocional e financeiramente.

A minha mais que orientadora e professora Dilma Beatriz Rocha Juliano, que no decorrer do curso sempre me orientou e incentivou meu trabalho.

E a pessoa mais importante da minha vida, que ainda nem nasceu, mas já ocupa todos os meus pensamentos e é a razão de eu ter continuado essa dissertação: minha filhinha, Izabela, que ainda na minha barriga está se comportando e ajudando a mãe dela em todos os momentos de concentração.

Um obrigado a todos que participam do Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem, *Campus* Pedra Branca, que direta ou indiretamente participam de nossas vidas acadêmicas.

Tornaram-se célebres aquelas palavras com que Rousseau inaugura as páginas do seu Emílio: “Nós não conhecemos a infância; baseados em falsas idéias que possuímos, quanto mais se avança, mais se atrapalha. Os mais sábios se preocupam com o que importa ao homem saber: mas não consideram o que as crianças são capazes de aprender. Todos procuram o homem na criança, sem se lembrar cada qual o que foi antes de ser homem.” (XAVIER, 1927.)

## RESUMO

Esta pesquisa está voltada para a educação de crianças e a mídia televisiva na infância e, particularmente, para uma reflexão sobre a literatura infantil, as imagens e o encantamento que essas exercem sobre as crianças. O objetivo geral é o de refletir sobre o predomínio das imagens no cotidiano infantil, especialmente sobre a relação entre texto escrito e sua adaptação para o formato televisivo. Para tanto, será abordada a adaptação literária da obra de Monteiro Lobato - *Sítio do Pica-pau Amarelo* - para a televisão. O que motivou esta dissertação foi o interesse pedagógico em relação ao universo infantil, cercado de imagens e meios de comunicação cada vez mais modernos. Na contemporaneidade, são as mídias que fazem o papel da socialização e a imagem exerce a sedução, atraindo rapidamente a atenção das crianças. A dissertação está dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo apresenta considerações introdutórias à pesquisa, trazendo alguns conceitos de infância, de imagens e de mídias. O segundo capítulo traz considerações fundamentais que dão suporte ao estudo sobre a literatura infantil e a adaptação da obra de Monteiro Lobato. Partes dos DVDs *Reinações de Narizinho* e *No Reino das Águas Claras* serviram de objeto de estudo, tendo sido visada a adaptação do texto escrito para o visual. Foram utilizados vários autores para fundamentar a pesquisa, tais como Ariàs (2006), Pellegrini (2003), Debus (2010), Banditer (1985), Sarlo (1997), entre outros. Por meio deste estudo foi possível concluir que as mídias estão presentes constantemente na vida familiar e escolar de nossas crianças e que podemos sim nos beneficiar desse instrumento para ajudar nossos alunos a se tornarem cidadãos críticos e donos de duas próprias decisões, não se deixando manipular por imagens sedutoras que muitas vezes só estão presentes para manipular e distorcer a realidade em que vivemos.



Palavras-chave: Educação Infantil. Televisão. MonteiroLobato. Adaptação.

**ABSTRACT**

This research is focused on the education of children and television media in childhood and particularly to reflect on children's literature, pictures and enchantment that these have on children. The overall objective is to reflect on the predominance of pictures in children's daily lives, especially on the relationship between written text and its adaptation for television format.To do so will be dealt with the literary adaptation of MonteiroLobato - The site of the Yellow Woodpecker - for television. What motivated this thesis was the pedagogical interest in the infant universe, surrounded by images and media increasingly modern. In contemporary times, the media is doing the role of socialization and the image holds the seduction, quickly attracting the attention of children.The dissertation is divided into two chapters. The first chapter introduces the research introductory considerations, bringing some concepts of childhood, images and media. The second chapter provides fundamental considerations that support the study of children's literature and the adaptation of Monteiro Lobato. Parts of DVDs Reinações of Narizinho and the UK In Clearwater served as an object of study, having been targeted adaptation of the written to the visual text.Several authors were used to support research, such as Arias (2006), Pellegrini (2003), Debus (2010), Banditer (1985), Sarlo (1997), among others. Through this study it was concluded that the media are constantly present in family and school life of our children and yes we can take advantage of this tool to help our students to become critical citizens and owners of two of its own decisions, not letting himself be manipulated by seductive images that often are present only to manipulate and distort reality in which we live.

Keywords: Early Childhood Education. Television.MonteiroLobato. Adaptation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – *As meninas* (*Las meninas*), de Velázquez..... 40
Ilustração 2 – Virgem Maria e o Menino Jesus..... 43
Ilustração 3 – *Na rua*, quadro de Carlos Scliar (1940)..... 44
Ilustração 4 – Cena do filme *Cinema Paradiso*(Itália, 1988)..... 45

**SUMÁRIO**

**1 INTRODUÇÃO**..... 12
1.1 LITERATURA E MONTEIRO LOBATO..... 19
**2 IMAGEM – SOCIEDADE DAS IMAGENS E DAS MÍDIAS NA INFÂNCIA**..... 21
2.1 TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS..... 24
2.2 MÍDIAS E O PÚBLICO INFANTIL..... 26
2.3 O OLHAR IMAGÉTICO..... 38
2.4 IMAGENS DA CRIANÇA/INFÂNCIA..... 40
2.5 IMAGEM ESTÁTICA E IMAGEM EM MOVIMENTO..... 44
2.6 A HEGEMONIA DA IMAGEM HOJE..... 48
**3 LITERATURA: MISSÃO SEDUZIR**..... 52
3.1 LITERATURA INFANTIL..... 54
3.2 MONTEIRO LOBATO..... 58
3.3 ADAPTAÇÕES DAS OBRAS DE MONTEIRO LOBATO PARA A TV E SUAS VÁRIAS VERSÕES..... 61
3.4 DO LIVRO AO FILME..... 64
**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**..... 70
**REFERÊNCIAS**..... 72
**ANEXOS**

# 1 INTRODUÇÃO

O que motivou esta dissertação foi a preocupação e o interesse de uma pedagoga em relação ao universo infantil, cercado de imagens e meios de comunicação cada vez mais modernos. Escrever sobre a Educação Infantil é um trabalho prazeroso e instigante. Relacionar esse assunto com o mundo das imagens, com os meios de comunicação, mais precisamente a televisa, é complexo e desafiante. Fala-se sobre a preocupação com a imagem ao longo da dissertação para mostrar como ela conquista rapidamente e está presente constantemente na vida das crianças, muitas vezes substituindo as palavras. O computador também é citado por ser um meio de comunicação presente em quase todos os setores da sociedade, principalmente nas escolas, e através dele são feitas várias pesquisas escolares, muitas vezes, substituindo os livros didáticos.

Durante dois anos foram feitas pesquisas bibliográficas, leituras sobre esses temas e, com isso, esta dissertação foi tomando corpo. Neste trabalho, passa-se pelo mundo das imagens, da literatura, da adaptação e, mais especificamente, das histórias de Monteiro Lobato, que foi um mestre em escrever sobre o maravilhoso universo infantil.

A dissertação está dividida em dois capítulos que se subdividem em vários tópicos. O primeiro capítulo apresenta considerações introdutórias à pesquisa, trazendo alguns conceitos de infância, de imagens e de mídias. O segundo capítulo traz considerações fundamentais que dão suporte ao estudo. Neste capítulo, são mostrados diversos conceitos de literatura, literatura infantil e a visão de infância que possuía o autor Monteiro Lobato e as diferentes adaptações do livro *Reinações de Narizinho* para a televisão.

As linhas que tecem esta dissertação pretendem destacar as diferentes imagens de infância que alguns autores possuem e comentar as diferentes mídias que tornam a Educação Infantil um labirinto de perguntas e, muitas vezes, sem respostas aparentes.

Ao longo de anos de experiência na Educação Infantil, tanto dentro como fora de sala de aula, percebemos que as crianças da era contemporânea já nascem em um mundo praticamente midiático, isto é, um mundo cercado de aparatos tecnológicos. Isso faz parte do cotidiano infantil e as crianças conhecem quase todo tipo de mídia. É uma geração *touchscreen*, onde quase tudo que é aparelho eletrônico possui o sistema do “passar o dedo na tela”. É uma geração cercada por imagens, imagens essas cada vez mais cativantes, que seduzem e exercem sobre as crianças um poder quase que viciante.

Segundo Pellegrini (2003, p.159):

> A cultura contemporânea é, sobretudo, visual. Vídeo games, videoclipes, cinema, telenovela, propaganda e histórias em quadrinhos são técnicas de comunicação e de transmissão de cultura cuja força retórica reside, sobretudo, na imagem e secundariamente no texto escrito, que funciona mais como um complemento, muitas vezes até desnecessário, tal o impacto de significação dos recursos imagéticos. (Pellegrini, 2003, p.159)

A imagemestá presente por todos os lados e faz parte da realidade e do dia a dia de muitas famílias. É exatamente nessa cultura contemporânea, onde estamos rodeados por aparelhos eletrônicos, como televisão e computadores, entre outros meios de comunicação, cercados por imagens sedutoras. São discursos (publicitários, de consumo, até políticos) que conquistamos consumidores, principalmente o consumidor infantil e é nesse meio sedutor que se encontram as nossas crianças de hoje, constantemente bombardeadas por informações prontas, do tipo “compre isso, assim você estará sempre na moda” ou “consuma aquilo, é essencial para a sua felicidade”. É preciso consumir para existir. É como carregar uma placa com os dizeres: “Sou aquilo que tenho, por isso existo”. Infelizmente, as crianças estão à mercê de um mundo consumista e devorador, que conquista a todo instante.

Precisamos de um público mais consumidor de cultura do que consumidor de qualquer objeto que esteja na prateleira, daqueles que aprendem mais com os livros, com as outras pessoas, do que com as propagandas de televisão, do que com as páginas do jornal e revistas e que se satisfazem com o uso do seu cartão de crédito. Precisamos aprender mais com os professores capacitados e sempre atualizados, “antenados” com o mundo lá fora, porque sem essas diretrizes, será quase que impossível formarmos adultos críticos, com valores básicos, como respeito pelo próximo, pois as pessoas devem se aceitar pelo que são e não pelo valor do crédito ilimitado do seu cartão de crédito. Queremos adultos que saibam discernir o que é melhor para ler, quais filmes devemos assistir no cinema, qual programa de televisão é mais educativo e atraente pelo conteúdo que apresenta e não pelas imagens sedutoras, apelativas e enganosas que aparecem no vídeo. Reconhecer e criticar quando uma revista está trazendo uma matéria direcionada para tal partido político ou direcionando o que devemos vestir, induzindo o leitor ao ponto de vista da revista e não ao seu próprio modo de pensar e agir. Porém, é uma questão muito difícil, pois o sujeito está em constante mudança e em uma relação direta com a cultura, o social, os outros.

Um dos objetivos desta dissertação, que não é simples, é tentar compreender e procurar entender, na medida do possível, como as crianças lidam com as mídias, principalmente com a televisão, passando pela imagem televisiva. Através das imagens, passa-se pelaliteratura, que também está presente no cotidiano escolar das crianças. O

computador, que é uma ferramenta muito importante e pode ajudar no desenvolvimento educacional, é discutido em alguns momentos da dissertação. Outras perguntas surgem durante o processo de investigação desta dissertação e que ao longo de anos de experiência na Educação Infantil e anos iniciais de escolarização é quase que impossível respondê-las, pois não existe nenhum autor que as fundamentem: uma infância baseada em aparelhos eletrônicos, onde todas as informações são facilmente encontradas no *google* é tão vantajosa, feliz e interessante do que ler livros?

Quando nós, pedagogas, presenciamos diariamente atitudes de crianças que não conhecemum dicionário, nem mesmo o dicionário on-line, não sabem manuseá-lo e não têm acesso e nem interesse por livros infantis, mas que quando têm oportunidade de acessar um computador, um *tablet*, reconhecem imediatamente os jogos eletrônicos que fazem parte desse universo midiático, é preocupante e por que não dizer frustrante. Não devemos constatar que isso seja uma atitude errônea ou nos horrorizar com esse fato. Apenas constatamos que, infelizmente, essa nova geração está longe de saber o que é "viajar" nas páginas de um livro, como *Reinações deNarizinho* ou *Caçadas de Pedrinho*. Muitas crianças atualmente, que estudam em escolas particulares, nem conhecem ou ouviram falar sobre Monteiro Lobato, que hoje em dia, é muito mais conhecido pelo programa de televisão O *Sítio do Pica-pau Amarelo* do que pelos diversos livros infantis que escreveu. Mas, essas mesmas crianças, que muitas vezes possuem um nível social econômico elevado muito diferente das demais crianças que estudam em escolas públicas, quando perguntados sobre os personagens de *Walt Disney*, conhecem praticamente todos e descrevem com detalhes os seus desenhos, suas vestimentas, suas falas. Muitos já estiveram nos parques temáticos da Flórida e fazem desse universo o seu mundo dos sonhos encantados. Essas crianças não conhecem o Jeca-Tatu, o Saci-Pererê ou a Cuca.

Inicialmente, pensaremos nas narrativas da televisão, que é uma fonte cultural acessível a quase toda a população e que compete diretamente com as narrativas literárias. Hoje é muito mais fácil uma criança conhecer uma história contada através da tela do cinema, através de um filme, do que procurar conhecer a mesma história contada através de um livro.

Analisando esse contexto, Pellegrini (2003, p.16) nos informa que:

> O que se capta, em primeiro lugar, é um contexto demonstrativo em vez de um contexto verbal: percebe-se pela vestimenta, caracterização e comportamento das personagens, pelo lugar onde estão, por seus gestos e expressões faciais, que se trata de drama ou comédia, em que época se desenvolve o enredo, enfim, de que modo o espectador está sendo

> convidado a fruir aquele conjunto de significados visuais componentes de uma trama.

A mensagem que a imagem traz é mais rápida do que a mensagem falada. É o cinema fazendo o seu papel: o do conquistar através de imagens. Não só o cinema, mas também a televisão, a internet, os *outdoors*. Essas imagens podem ser interpretadas muito mais rápido do que uma frase escrita em um livro. É um universo colorido e cativante, que se mexe, tem vida, às vezes, em terceira dimensão (3D), que nos faz imaginar, "participar" ativamente de todas as partes do filme. É a reprodução e veiculação cercadas por um sofisticado aparato tecnológico. Aparatos esses que alteram o caráter e a função do tempo, perdendo assim sua qualidade estética, adquirindo uma dimensão temporal.

Pellegrini (2003, p.22) afirma que:

> Deixando de ser espaço físico homogêneo e fixo, "pintura", assume a heterogeneidade do movimento do tempo que o conduz. A liberdade em relação à coerção espacial e temporal é resultado de uma similaridade notável entre o filme e o próprio pensamento, em virtude do fluir veloz das imagens.

A velocidade com que as imagens chegam até nós, e principalmente até as crianças, é passível de complicações, podendo nos confundir e nos fazer achar que são nossos próprios pensamentos. Quando uma criança assiste a um comercial de TV (televisão) ou vê uma cena de um filme, onde a personagem aparece usando uma roupa ou comendo um determinado alimento, é muito fácil incentivá-la e influenciá-la. Bastam apenas 30 segundos de propaganda para seduzir uma criança, para fazer com que essa criança, por exemplo, coma determinado produto de uma determinada marca sem que ela saiba quais os componentes nutritivos de tal produto, se esse alimento é saudável ou não. Alguns comerciais que aparecem na TV são tendenciosos, como um comercial onde aparece um bolo de cenoura de determinada marca (Dona Benta) e na propaganda diz que é nutritivo, saboroso e faz bem para a saúde, bastam essas informações para convencer a criança. Em compensação, se usássemos um livro com a história da "dona Cenoura", contando que ela é saudável, nutritiva e que faz bem à saúde, a recepção, por parte das crianças, é completamente diferente. Podemos até experimentar fazer um bolo de cenoura, explicando que é o mesmo bolo da propaganda ou do filme, mas não tem o mesmo impacto visual e apelativo da propaganda da TV. Parece que tudo que vem da tela é mais gostoso, tem mais valor. Quando o produto em questão é associado a um personagem famoso entre as crianças, sua aceitação é mais que imediata.

As famílias, por falta de tempo, devido aos pais trabalharem fora, precisam otimizar o tempo e muitas vezes preferem o imediato, isso é, servem-se de alimentos muitas vezes congelados em saquinhos, que podem ser preparados instantaneamente. Só precisa adicionar água quente a alimentos em pó, esperar poucos segundos e obter uma refeição pronta e rápida.

Geralmente, esses produtos são apresentados pelos comerciais de televisão, que mostram a facilidade e a praticidade de usá-los. O mesmo acontece com os alimentos líquidos, bastando adicionar água fria para obter um suco de laranja. Costa (2009, p. 198) afirma que "caracterizam esse acelerado modo de viver contemporâneo tanto as práticas de alimentação quanto o uso de tecnologias de comunicação (internet, televisão, celulares), que permitem realizar quase tudo em segundos".

Vivemos em um mundo onde quase tudo é descartável. As grandes indústrias já fabricammercadorias com prazo de validade determinado, alimentando assim o consumo desenfreado, principalmente entre o público infantil. Costa (2009, p.198) comenta:

> Como grande parte das invenções instantâneas, efêmeras e descartáveis são direcionadas ao universo infantil, a infância desponta como um dos segmentos populacionais "produtores" de lixo. Foi-se o tempo em que um único agasalho e uma pasta escolar eram cúmplices da infância inteira de uma criança. Presenciamos hoje uma variedade infinita de artefatos dirigidos às crianças que, associados a determinadas imagens que mudam o tempo todo – principalmente de ícones midiáticos como o Homem-Aranha e a Barbie – estimulam contínua e ininterruptamente o desejo. A cada ano adotam-se uma nova mochila escolar, um novo calçado, novos cadernos e estojos, que chegam estampados com a imagem dos ícones do momento.

Esse fato é presenciado diariamente por nós pedagogas nas escolas brasileiras. Muitas crianças possuem os mesmos objetos de uso pessoal por causa do personagem favorito. E percebemos que as crianças têm prazer em apresentar a nova mochila ou o novo sapato. É a enganosa felicidade instantânea, momentânea. Daqui a pouco, esta mesma mochila já não servirá mais, pois agora a moda é ter outra mochila de outro personagem.

Um comercial veiculado pela Rede Globo falava sobre um cartão de crédito e as facilidades que ele proporcionava. Até para comer uma laranja no pé dá para pagar com o cartão. No final, a seguinte frase: "Não tem preço". A impressão que fica no telespectador é a de que quem não possui cartão de crédito, praticamente perde todas as oportunidades e não pode usufruir as vantagens e as facilidades que ele, o cartão, proporciona. É o discurso pelo agora, pelo imediato. Não se pode esperar para comprar amanhã, tem que ser hoje.

A literatura explica as mudanças no contexto através das palavras e a televisão faz a mesma representação através das imagens. Em ambos os casos (literatura e televisão) há, nos textos, uma atualização aos contextos, ambos abordam seus contextos. No caso da literatura

há uma supremacia da palavra (verbal) e no caso da televisão é as imagens que são mais relevantes (não verbal, mas imagético) apesar do verbal também estar lá.

A escolha desse assunto tão vasto e polêmico, que incluem infância, consumo infantil, mídias, imagens sedutoras (voltadas para o consumo) e, principalmente, como as crianças de hoje reagem a um autor que escreveu livros no início do século XX, está rodeado de questões pertinentes e relevantes. Ao longo desta dissertação, iremos abordar tais questões e com a ajuda de vários autores ligados aos assuntos, tentaremos compreender alguns desses questionamentos.

Atualmente, em pleno século XXI, temos conhecimento de crianças que em alguns lugares do mundo exercem trabalho escravo e não têm seus direitos respeitados, não frequentam escolas e são desnutridas. Os tempos atuais deveriam ser considerados melhores para todas as crianças, pois através das diferentes mídias temos mais acesso à informação e a educação infantil é defendida quase que em todos os países. Foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente, mas precisa ser respeitado e posto em prática de verdade.

Procurar novos caminhos e respostas para repassar conhecimentos para as crianças de forma mais prazerosa e lúdica é um grande passo para contornar o problema do desinteresse educacional e o distanciamento da realidade do cotidiano diário de nossos alunos.

A velocidade das mudanças nos processos e tecnologias de comunicação, assim como nas configurações culturais, acarreta desafios tão grandes para quem trabalha com crianças que é frequente um sentimento de vertigem e desorientação, particularmente entre os professores. É como estar no meio de uma floresta, sem mapas e placas, e tentar acertar a direção que se deve seguir para chegar ao caminho certo. Na Educação Infantil é assim; os pedagogos, sem orientação e direção, tentam fazer seu trabalho, procurando respeitar os limites da criança, mas infelizmente, nem sempre é possível tomar o caminho correto. Temos que fazer o que é possível e o que está ao nosso alcance.

As crianças de hoje são muito mais informadas e por esse motivo, parecem mais precoces do que as crianças de antigamente, possivelmente por estarem cercadas por diferentes mídias e serem bombardeadas diariamente por diversas imagens e informações. Elas sabem o que querem desde cedo, começando pelo vestir e pelos alimentos que desejam ingerir. Não é preciso nem ser alfabetizada para saber o que uma imagem representa. Através das imagens, já escolhem seus programas preferidos e assistem aos desenhos infantis de seus personagens preferidos. O mesmo acontece com as revistas, pois a criança, mesmo sem conseguir ler o que se passa nas páginas de uma publicação, consegue entender a mensagem

que uma imagem passa. É como ver um quadro e através da pintura ver o que a imagem refletida na tela quer passar. Manguel (2001, p.54) afirma:

> [...] uma coisa é adorar um quadro, outra é aprender em profundidade, por meio dos quadros, uma história venerável. Pois aquilo que a escrita torna presente para o leitor, as pinturas tornam presentes para os iletrados, para aqueles que só percebem visualmente, porque nas imagens os ignorantes vêem a história que devem seguir, e aqueles que não conhecem o alfabeto descobrem que podem, de certa maneira, ler. Portanto, especialmente para o povo comum, as pinturas são o equivalente da leitura.

Berger (1999, p.9) argumenta:

> Ver precede as palavras. A criança olha e reconhece, antes mesmo de poder falar. Mas existe ainda outro sentido no qual ver precede as palavras: o ato de ver que estabelece nosso lugar no mundo circundante. Explicamos esse mundo com palavras, mas as palavras nunca poderão desfazer o fato de estarmos por ele circundados. A relação entre o que vemos e o que sabemos nunca fica estabelecida.

A criança vê a imagem e mesmo não sendo alfabetizada entende o significado e reconhece a mensagem transmitida. As imagens comunicam e informam, independente de classe social, idade, religião. E, particularmente, para as crianças, essas imagens se tornam cada vez mais sedutoras e são fonte de inspiração e um modo diferente de ver o mundo, pois quando uma criança, que ainda não sabe ler, assiste a um desenho animado ou vê um *outdoor*, a primeira coisa que lhe chama a atenção são as imagens, as palavras são um segundo plano.

Manguel (2001, p.144) comenta que:

> [...] paradoxalmente, na nossa época, quando as imagens ganham novamente preeminência sobre a palavra escrita, falta-nos esse vocabulário visual compartilhado. Temos permitido que a propaganda e a mídia eletrônica privilegiem a imagem para transmitir informações instantaneamente ao maior número de pessoas; esquecemos que a própria velocidade as converte na ferramenta ideal de comunicação para toda sorte de propaganda, porque, manipuladas pela mídia, essas imagens não nos dão tempo para uma crítica ou reflexão pausada. “Adoramos as imagens”, mas não “aprendemos em profundidade, por meio delas”. Superficialmente, temos em comum certas imagens básicas: de eficiência e lucro, de sexualidade e satisfação, cada uma com seu lugar-comum nas propagandas completamente banais feitas para a Ralph Lauren ou a Volvo, ou para o Homem Malboro, com sua tendência ao câncer. Um carro comumente significa sucesso, um cigarro, auto-afirmação; as praias oferecem um paraíso perdido, e as roupas de um estilista definem a identidade. Mas a leitura de imagens mais antigas e mais sábias nos escapa. Vivemos, mais uma vez, na Torre de Babel inacabada.

Com isso, quando uma propaganda diz o que devemos comprar para sermos aceitos pela sociedade em que vivemos, pois se comprarmos determinado carro quer dizer que somos pessoas realizadas e de sucesso, podemos facilmente imaginar o que acontece na cabeça de uma criança que ainda não tem sua personalidade formada e é facilmente manipulada por uma mídia tendenciosa.

Precisamos repensar nossos valores, refletir como devemos ler as mensagens que estão por trás dessas imagens que nos são diariamente veiculadas e acabam direcionando nossas vidas e não conseguimos filtrá-las. Precisamos repensar o que isso pode acarretar para as nossas crianças futuramente, pois estamos inseridos em uma sociedade individualista e cada vez mais consumista.

## 1.1 LITERATURA E AS OBRAS DE MONTEIRO LOBATO

A literatura deveria ser obrigatória em todos os níveis de educação e, sobretudo, na Educação Infantil. Considerando-se que é nas instituições de ensino que a grande parte das crianças brasileiras tem acesso a diferentes tipos de livros, principalmente à literatura infantil, é preciso pensar e repensar o quanto o professor torna-se responsável por fazer desse um encontro prazeroso e criativo.

Sabendo disso, é triste aceitar que apenas em 1960, a disciplina de Literatura Infantil é incluída nos currículos dos cursos de Pedagogia. Porém, essa inclusão pouco contribuiu para a formação do professor-leitor. Debus; Domingues; Juliano (2010, p. 14) afirma que:

> Nas últimas décadas do século XX, o crescente interesse de pesquisadores pela Literatura Infantil e Juvenil contribuiu para a extensa publicação na área, seja em forma de livro, seja em outros meios de publicação impressa (dissertações, teses, revistas, boletins etc.). Os avanços tecnológicos também contribuíram para a disseminação das pesquisas realizadas em diferentes países. Por meio da internet, torna-se possível o acesso rápido a revistas eletrônicas, sites de núcleos e grupos de pesquisas, bem como blogs de diferentes instituições.

A *internet* pode ser usada de forma segura e eficaz, mas precisa ser mediada, principalmente entre as crianças. É uma forte aliada para o repasse de conhecimentos e pesquisas. As bibliotecas virtuais já podem ser acessadas e servem como um suporte para a aprendizagem, porém seu acesso, em algumas escolas, ainda é escasso, embora existam políticas públicas para reverter esse quadro.

Nas escolas ainda faltam bibliotecas acessíveis aos alunos, principalmente na Educação Infantil. Muitas vezes, o único acesso e contato que a criança tem com o livro é no momento do conto, ou literatura, onde a professora faz uma roda e lê uma história para todas as crianças. Às vezes, por medo que algum livro seja rasgado ou amassado, muitas professoras nem compartilham esses "tesouros", pois são poucos existentes na instituição.Se todas as escolas brasileiras possuíssem uma biblioteca recheada de livros infantis, com certeza a literatura seria muito mais apreciada, pois faria parte do cotidiano escolar de todo aluno – e, particularmente, bibliotecas recheadas de livros de Monteiro Lobato, um escritor taubaetense, do início do século XX, que através de suas inúmeras histórias e de seus inesquecíveis personagens, conquistou e conquista crianças de todas as classes sociais e econômicas.

Debus; Domingues; Juliano (2010, p.82) comentam que:

> [...] aquele que se debruça sobre a vida ou a obra de Monteiro Lobato não pode se furtar de abordar a importância que o renomado escritor dava ao seu público leitor, as crianças. Como um dos precursores da literatura infantil brasileira, Lobato não perdeu de vista o fato de que produzir uma literatura que despertasse o interesse do seu interlocutor era um dos caminhos para que essa se tornasse tão difundida e respeitada como poderia ser a literatura adulta.

Criador de inúmeros personagens, entre eles as do Sítio do Pica-pau Amarelo, a boneca Emília ganha destaque especial, primeiro por ser um brinquedo de pano (feito por Tia Nastácia, outra personagem de Lobato, que pertence a Narizinho, uma das personagens principais do Sítio) e que aos poucos vai tomando forma de gente, vindo a falar, devido a umas pílulas que toma, tornando-se uma tagarela e dona de ideias revolucionárias e muitas vezes sem "pé nem cabeça".

A pesquisadora da dissertação leu e analisou diversas obras, entre eles, o livro *Reinações de Narizinho*, volumes 1 e 2, um clássico da literatura infantil brasileira e que nos leva a incríveis viagens pelo mundo da fantasia lobatiana. Completando essa análise, partes do DVD *Reinações de Narizinho*serviu de objeto de estudo, tendo sido visada a adaptação da literatura para o visual.

Com Monteiro Lobato, para as pessoas que conhecem e gostam da sua literatura, é quase que impossível parar de ler. Ele inventou um jeito especial de escrever para crianças que até hoje serve de inspiração para outros autores infantis. É por isso que desde o seu lançamento (1920), *Reinações de Narizinho* vem divertindo e formando gerações de leitores brasileiros.

## 2 IMAGEM – SOCIEDADE DAS IMAGENS E DAS MÍDIAS NA INFÂNCIA

Ao longo das leituras sobre infância, imagem e mídia foram analisados diversos textos de autores que falam sobre os assuntos citados acima, dentre eles, PhillipeAriès, com o seu livro *História Social da criança e da família*, onde ele comenta, de modo geral, que as crianças, durante séculos, foram consideradas a imagem de um adulto em miniatura e em meados do século XVII, como a imagem do pecado original.

Sabemos que cada sociedade tem uma construção social acerca da ideia de infância. Segundo os estudos de Philippe Ariès (2006), até a Idade Média, as crianças eram consideradas pequenos adultos, sem as demarcações espaciais, comportamentais e mesmo estéticas estabelecidas pela modernidade. Apenas a partir dos séculos XVII e XVIII, a ideia de infância passa a ser aceita como um período de desenvolvimento que necessitaria de cuidados especiais, diferente dos adultos, e era vista como portadora de extrema fragilidade. Esses cuidados eram essenciais e necessários para que a criança se tornasse um adulto saudável e feliz. Ariès (2006, p.54) afirma:

> [...] duas estratégias foram sendo operadas em relação às crianças: passou-se inicialmente a paparicá-la (quando mais novas, ainda imersas numa espécie de anonimato, as crianças passaram a ser objeto de entretenimento para os adultos) e, a partir de certa idade, enfatizou-se a educação, sendo essa realizada num espaço próprio, a escola, cujos objetivos em relação a formação do futuro adulto variariam de acordo com as classes sociais.

Essas estratégias começaram a ganhar força e corpo durante esse período. As famílias e a sociedade em geral perceberam a necessidade de proteger e encaminhar as crianças. Em outros termos, Ariès (2006, p.55) afirma que:

> [...] o sentido da inocência infantil resultou, portanto, numa dupla atitude moral com relação à infância: preservá-la da sujeira da vida, e especialmente da sexualidade tolerada – quando não aprovada – entre os adultos; e fortalecê-la, desenvolvendo o caráter e a razão. Pode parecer que existe aí uma contradição, pois se de um lado a infância é conservada, e de outro é tornada mais velha do que realmente é. Mas essa contradição só existe para nós [...]. Nosso sentimento contemporâneo da infância caracteriza-se por uma associação da infância ao primitivismo e ao irracionalismo ou prelogismo.

Vale salientar que, especialmente, em relação à sexualidade, conforme os estudos de Ariès, até o século XVII, as crianças eram inseridas naturalmente em brincadeiras que

visavam ao conhecimento e à percepção dos corpos, incluindo algumas partes específicas do corpo, como os órgãos genitais, sem que esse fato se configurasse numa atividade erótica. Esse antigo hábito de brincar com o sexo da criança, segundo Ariès (2006, p.109), manteve resquícios nas atuais sociedades mulçumanas:

> Essas sociedades se mantiveram alheias não apenas ao progresso científico, mas também à grande reforma moral, inicialmente cristã e a seguir leiga, que disciplinou a sociedade aburguesada do século XVIII e, sobretudo, do século XIX, na Inglaterra e na França. Essa grande reforma moral, na verdade, tem um sentido muito mais abrangente que a proteção da inocência, pois a própria construção das sexualidades – incluindo suas demarcações e implicações de normalidades/anormalidades – é decorrente desse esforço de disciplinamento do corpo e dos prazeres.

Algumas sociedades ainda conservam certos hábitos em relação à disciplina da sexualidade das crianças, principalmente à sexualidade feminina. Em alguns países, principalmente na África, é praticada a mutilação genital feminina (MGF) ou clitoridectomia. A prática é considerada um rito de passagem por algumas tribos e retira-se o direito da mulher de sentir prazer. Geralmente, o rito é realizado quando a mulher é ainda criança ou menina. É considerado pelos ocidentais como uma agressão ao corpo da mulher, completamente rejeitado por muitas sociedades contemporâneas.

Em se tratando de brincadeiras infantis, desde o século XX e XXI, existem certas brincadeiras que aparentemente possuem cunho erótico. Entre as crianças brasileiras, uma delas é popularmente conhecidacomo “pera, uva, maçã”. A brincadeira consiste em fazer uma fila com crianças, onde se escolhe uma e, em seguida, tapa-se os olhos da criança escolhida. Depois, ela vai para frente de todos que estão em fila. O mediador da brincadeira pede para a criança com os olhos vendados escolher alguém que está na fila, perguntando: “Pera, uva ou maçã?” As palavras indicam aperto de mão, beijo no rosto e beijo na boca, respectivamente. Dependendo da fruta, a brincadeira vai ficando mais séria. Outra brincadeira entre crianças é o brincar de médico, onde duas crianças escolhem as personagens do médico e a do paciente. Assim, conforme a brincadeira avança, exploram o corpo da outra, sem que isso seja considerado um ato erótico, ambas são consideradas duas brincadeiras da infância. Muitas pessoas falam que “brincar de médico” é um jogo de sedução, mas é uma brincadeira que quando realizada entre crianças não tem nada de sedutor ou uma iniciação ao ato sexual.

Outra autora que escreve  sobre a infância é Elisabeth Banditer, em seu livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno.* Na obra, a autora coletou algumas falas e experiências

de uma conferência sobre a infância que aconteceu em 1985. Segundo Descartes (*apud*Banditer, 1985, p.60):

> A infância é antes de mais nada fraqueza de espírito, período da vida em que a faculdade de conhecer, o entendimento, está sob a total dependência do corpo. A criança não tem outros pensamentos senão as impressões suscitadas pelo corpo. O feto já pensa, mas esse pensamento não passa de um magma de ideias confusas. Desprovida de discernimento e de crítica, a alma infantil se deixa guiar pelas sensações de prazer e de dor: está condenada ao erro perpétuo.
> É preciso, portanto, livrar-se da infância como de um mal. A desgraça é que as opiniões adquiridas na infância são as que marcam mais profundamente o homem. É preciso nada menos do que toda uma vida para eliminar esses maus hábitos. Mesmo assim, poucos o conseguem. Em sua maioria, os homens estão condenados, pela falta de caráter e de inteligência, a permanecer presos à infância.

Afirmando isso, pode-se suspeitar que Descartes foi um adulto atormentado por sua infância, onde teve que enfrentar suas angústias e maus hábitos adquiridos quando era criança. Fala-se muito da alma infantil, que ela era condenada desde o nascimento por ter sido concebida em pecado, sem se preocupar com o corpo que, de fato, era o mais importante para uma criança, pois nos primeiros anos de vida, o principal para o seu bem-estar era ser atendida em suas necessidades físicas. O dramático/trágico deveria ser considerado deixar uma criança a sua própria sorte, sem uma família e um nome, completamente abandonada.

Banditer (1985, p.60) afirma que:

> A imagem trágica da infância, como a concebiam teólogos, pedagogos e filósofos, não era provavelmente a mais fixada pelo povo em geral. Embora não devamos negligenciar a influência dos ideólogos e dos intelectuais nas classes dominantes e cultas, essa influência era claramente limitada nos outros meios sociais.

Partindo dessa afirmação, podemos compreender que a criança era considerada um estorvo para a família, mais do que um pecado mortal. Muitas famílias, em determinada época, consideravam a criança como uma escrava, comparado-as com os escravos que serviam as famílias. Mas acreditavam que não podiam bater nas crianças assim como faziam com os escravos, pois a criança já nascia livre e os escravos, não. Nessa mesma época, apareceram os pedagogos, que eram pessoas que conduziam as crianças. Daí surgiu a denominação pedagogia. Pedagogo era aquele que conduzia, o mestre. Era o escravo que conduzia a criança.

## 2.1 TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS

O professor Nicolau Sevcenko, em seu livro *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*, compara a transição do século XX para o século XXI a uma viagem de montanha-russa. Ele comenta sobre as diferentes sensações e mudanças que a sociedade passou durante essa transição. Segundo Sevcenko (2001, p.13-14):

> [...] já assimilamos a lição da montanha-russa: compreendemos o que significa estar exposto às forças naturais e históricas agenciadas pelas tecnologias modernas. Aprendemos os riscos implicando tanto em se arrogar o controle dessas forças, quanto em deixar-se levar de modo apatetado e conformista por elas. O que não nos impede de suspeitar das intenções de quem inventou essa traquitana diabólica.

É essa imagem de desconfiança que paira quando fazemos essa comparação. Suspeitar de que tudo que começa muito bom, passa pelo maravilhoso e, de repente, "bum!", desmorona numa velocidade que é difícil assimilar, compreender. Tudo acontece muito rápido. Sevcenko (2001, p.14) divide essa viagem de montanha-russa em três partes, citamos a primeira parte:

> A primeira parte é a ascensão contínua, metódica e persistente que, na medida mesma em que nos eleva, assegura nossas expectativas mais otimistas, nos enche de orgulho pela proeminência que atingimos e de menoscabo pelos nossos semelhantes. Essa fase pode nos representar o período que vai, mais ou menos, do século XVI até meados do XIX, quando as elites da Europa ocidental entraram numa fase de desenvolvimento tecnológico que lhes asseguraria o domínio de poderosas forças econômicas e políticas, de fontes de energia cada vez mais potentes, de novos meios de transportes e comunicação, de armamentos e conhecimentos especializados.

Nesse mesmo período, no início do século XVI, o Brasil foi descoberto e virou província de Portugal. Já no século XXI, é uma província do globalismo.

Comparando a segunda parte da nossa viagem na montanha-russa, passamos para a fase em que num repente nos precipitamos numa longa queda, perdendo as noções de tempo e de espaço, ficando difícil assimilar o que está acontecendo ao nosso redor. Sevcenko comenta que essa segunda fase equivale ao que ocorreu ao redor de 1870, com a chamada Revolução Científico-Tecnológica. Segundo Sevcenko (2001, p.15):

> [...] no curso da qual se desenvolveram as aplicações da eletricidade, com as primeiras usinas hidro e termelétricas, o uso dos derivados do petróleo, que

> dariam origem aos motores de combustão interna e, portanto, aos veículos automotores; o surgimento das indústrias químicas, de novas técnicas de prospecção mineral, dos altos-fornos, das fundições, usinas siderúrgicas e dos primeiros materiais plásticos. No mesmo impulso foram desenvolvidos novos meios de transporte, como os transatlânticos, carros, caminhões, motocicletas, trens expresso e aviões, além de novos meios de comunicação, como o telégrafo, os gramofones, a fotografia, o cinema. Nunca é demais lembrar que esse foi o momento no qual surgiram parques de diversões e sua mais espetacular atração, a montanha russa, é claro.

Como vimos, as tecnologias midiáticas começam a aparecer e tomar seus lugares. Mas, de repente, vem uma queda vertiginosa e caímos num vácuo. Durante esse período, vieram as duas Grandes Guerras e as destruições em massa, com suas bombas atômicas devastadoras. Após as Guerras, aconteceram as retomadas do desenvolvimento científico e tecnológico, mas a sensação era de que o fim estava próximo. Nas palavras de Sevcenko (2001, p.16), “uma sensação de apocalipse iminente”.

A terceira fase na metáfora da montanha-russa é a do *loop*. É aquela sensação de ficar sem fôlego e de não saber o que está acontecendo. Perdemos a noção e o nosso cérebro não consegue pensar. É a fase da aceitação, de não reagir e nos entregamos. Somos guiados e só pensamos no final, onde tudo terminará. Essa etapa representaria o atual período, onde as mídias dominam e não temos forças para reagir e aceitamos tudo o que nos é imposto. A rapidez é tanta que não percebemos o que acontece. Sevcenko (2001, pág.21) diz que:

> A rapidez com que o mundo se movimenta é assustadora. A anestesia do loop impede, ou dificulta a reflexão, a criticidade – é o momento da massificação. Muitas pessoas entram nesse *loop* sem querer, forçadas por amigos ou pessoas queridas. Porém, uma vez que se entra, que se aperta a trava de segurança e a montanha russa se põe em movimento, a situação se torna irremediável.

Com essa massificação, não pensamos, de imediato, no prejuízo que esse *loop* causa em nossas vidas e no ritmo que as mudanças ocorrem. Quando vamos ter tempo para pensar nisso?

O que distingue o século XX de qualquer outro período é a tendência contínua e a rapidez das mudanças tecnológicas. Essas mudanças têm efeito imediato e multiplicativo em todos os setores do mundo.

Com o aparecimento das máquinas e de toda essa nova tecnologia, é natural que haja uma necessidade de uma mão de obra qualificada para atender a essa nova demanda industrial. Ou seja, com essa grande demanda, é preciso que existissem trabalhadores capazes demanipular esse maquinário. Porém, com o trabalho pesado e as longas horas de trabalho, as

pessoas foram percebendo que a qualidade desuas vidas tinha diminuído e o que parecia bom no começo só gerava riqueza para alguns.Como as mulheres também precisavam trabalhar, não tinham com quem deixar seus filhos. A saída era levaras crianças para trabalhar nas fábricas. Por sua vez, as fábricas não viam mal nisso e não se opunham, já queprecisavam de muita mão de obra barata. Diante dessa realidade, alguns trabalhadores perceberam que só conseguiriam lutar por seus ideaise por condições mais justas de trabalho organizando-se coletivamente. É justamente nesse período que surgem as conhecidas greves e em 1º de maio de 1886 ocorre a famosa paralisação de Chicago, com várias manifestações. Com muita violência as manifestações são contidas e em 1º de maio de 1889 cria-seo dia mundial do trabalho. O mundo, nesse período conturbado, passava por grandes transformações, e em função desses fatos, ocasionaram diversasmudanças no panorama mundial.

Nesse mesmo momento, o Brasil do século XIX também viveu umperíodo de profundas modificações político-sociais.

## 2.2 MÍDIAS E O PÚBLICO INFANTIL

A rapidez das mudanças nos processos e tecnologias de informação e comunicação, assim como nas configurações culturais, gera desafios tão grandes para quem trabalha com crianças que é frequente um sentimento de estar dentro de uma verdadeira montanha-russa, particularmente entre nós, pedagogos.

Neste capítulo, vamos refletir sobre como as mídias nos afetam e particularmente como conquistam o público infantil. Através de suas imagens, as mídias fazem o seu papel e estão aí para serem questionadas e, por que não dizer, decifradas. Se nós, pedagogos, somos mediadores de conhecimentos, é fundamental compreendermos como esse processo se realiza e como podemos utilizá-lo a nosso favor, e, no caso desta dissertação, sempre com o foco na Educação Infantil.

Relatando a experiência da pesquisadora da dissertação em pedagogia, pois é graduada e pós-graduada nesta área, foi feita uma experiência com as crianças na Escola Dinâmica Jurerê, que fica no norte da ilha de Florianópolis e local de trabalho da pesquisadora, a respeito da vida de Monteiro Lobato. Em uma das rodas de conversas, foi perguntado para uma turma de 15 crianças, na faixa etária de 05 anos, quem conhecia o escritor e quem conhecia a história do O Sítio do Pica-pau Amarelo. Alguns responderam que assistiam o programa na televisão e poucos conheciam o livro “Reinações de Narizinho”. Nenhuma das crianças sabia quem era Monteiro Lobato, o escritor, apenas conheciam o programa, que

atualmente passava em um canal de TV pago, em forma de desenho animado. Foi colocado o DVD “Reinações de Narizinho” primeiramente, e depois o DVD “No reino das águas claras” e algumas crianças começaram a cantar a música de abertura do programa “tchu, ru, tchuru, tchuru.., marmelada de banana, bananada de goiaba, goiabada de marmelo...Sítio do Pica-pau Amarelo....Sítio do Pica-pau Amarelo”, veiculada pela Rede Globo de televisão. Aliás, um dos DVDs apresentados às crianças é da Globo Produções. Foi feito um trabalho de apresentação do escritor para as crianças que consistiu na leitura do livro Crianças Famosas, da Nereide Rosa, que conta a história de Monteiro Lobato para as crianças de forma leve e muito sutil.Através de fatos que vivenciou quando era criança, são contadas histórias que, mais tarde, originaram alguns de seus livros e seus personagens mais famosos. É retratada a fazenda da família, onde Lobato passou uma boa parte de sua infância. No livro, é comentado sobre um ribeirão onde ele se divertia vendo a escrava Joaquina pescar. A escrava inspirou a personagem de Tia Nastácia. Lobato e seu pai caçavam na mata, considerada uma aventura para o pequeno. Era um menino muito criativo e utilizava verduras e legumes para fazer bonecos e animais. O seu verdadeiro nome era José Renato, mas trocou por José Bento Monteiro Lobato devido a uma bengala de seu avó, que pertencia a seu pai e nela tinha a gravação de suas iniciais, J. B. M. L. Sua mãe o presenteou com o que seria seu primeiro livro, “João Felpudo”. Além de ler e escrever, ele fazia desenhos e se visse alguém interessante, fazia caricaturas. Numa delas, surgiu o Visconde de Sabugosa. Juca e suas irmãs adoravam visitar a sua avó AnaCleta. Passavam  horas e horas escutando suas histórias. Mais tarde, a personagem de Dona Benta seria uma homenagem à avó do escritor. Sua carreira de escritor iniciou-se aos catorze anos quando escreveu uma pequena crônica para o jornal da sua escola. Dessa forma, as crianças passaram a conhecer um pouco sobre quem era o escritor cujo programa de TV elas assistiam. As crianças assistiram ao DVD e depois, foi conversado a respeito do que mais gostaram, quais os personagens que faziam parte da história, enfim, foi feito um trabalho de reconhecimento e identificação com as crianças. Algumas ficaram com muito medo do “peixinho príncipe que falava”. Outras adoraram a boneca Emília. Ao longo dessa experiência que durou alguns dias, foi muito prazeroso constatar que com mediação e uma pitada de criatividade e bom humor, pois a pesquisadora se vestiu de boneca Emília para contar algumas histórias do livro, foi possível fazer com que as crianças interagissem e conhecessem um pouco sobre a obra de Monteiro Lobato.

O mundo em que vivemos e conhecemos é uma enormeteia planetária, ligado pelos meios de comunicação que são acessíveis a uma grande parte da população. Assim, nem a família nem a escola são as únicas mediadoras do conhecimento e da cultura. Segundo

Belloni(2001, p.27), “através de todas essas novas formas de tecnologias, o ser humano é permanentemente convidado a ver mais, a sentir mais, a viver muitas vidas em uma só vida, a viver e sentir coisas diferentes da sua realidade”. Partindo dessa afirmação, podemos considerar que o ser humano é frequentemente “convidado” a buscar soluções para as suas necessidades, seja através da imagem, dos movimentos, dos sons, da rapidez, da flexibilidade e da interatividade a partir dos processos midiáticos.

É fato que as mídias estão em toda a parte e fazem parte da nossa realidade, do nosso cotidiano familiar e educacional há alguns anos, independente de classe social, cor, raça ou religião, mesmo que elas estejam presentes em graus e plataformas diferenciadas. Guareschi (2005, p.37-38) explica que:

> [...] há um fenômeno que perpassa, nos dias de hoje, todas as camadas da sociedade como se fosse a água para o peixe, o ar que respiramos: essa realidade é a mídia. Se formos comparar nossa época com a de 30 ou 40 anos atrás vamos constatar uma diferença palpável. É que muitos, por não terem vivido aquela época, não têm possibilidade de imaginar como era a sociedade de então. Não há instância de nossa sociedade, hoje, que não tenha uma relação profunda com a mídia, onde a mídia não interfira de maneira específica. Isso é assim, por exemplo, com a economia, educação, religião, e chegando, de maneira mais profunda, à própria política.

Muitas pessoas mais velhas não têm interesse em dominar as mídias de hoje. Acham-nas complicadas e modernas demais. As pessoas mais novas, dessa época contemporânea, já nascem nesse meio midiático e por isso estão acostumadas com essa “parafernália” de equipamentos que funcionam com um simples toque. Em alguns estabelecimentos de ensino, como nas Faculdades Estácio, o material didático é entregue para os alunos em um tablet, sem custo adicional, como informado em um outdor colocado pelas ruas de Florianópolis. Na Uniesc, Universidade de Santa Catarina (Faculdades Dom Bosco) o material didático é disponibilizado na internet e cabe ao aluno fazer a pesquisa e levar esse material, digitalizado ou não, para as aulas. As escolas estão caminhando nessa direção, algumas escolas particulares de Florianópolis, como o Colégio Bom Jesus, já possuem o sistema de aulas online, onde o aluno tira algumas dúvidas através de um site disponibilizado pela internet.

Não podemos negar que a mídia domina e requer uma atenção especial quando se trata de infância/criança. As crianças conhecem, gostam e sabem mexer em qualquer aparelho ou máquina que se mexa, tenha luz ou faça barulho. Faz parte do seu universo infantil e muitos brinquedos são completamente digitais, como *video games* modernísimos que possuem *internet* e sistemas avançadíssimos de utilização.

Guareschi (2005, p.38) argumenta que:

> [...] a mídia é o coração da sociedade de informação, sob cuja égide vivemos. E a informação é o novo modo de desenvolvimento responsável pela produtividade do sistema capitalista nos dias de hoje. Quem detém a informação, de modo geral, e dentro dela a mídia, detém o fator central de desenvolvimento. A mídia (notícias, filmes, shows...) modifica a forma como as pessoas se relacionam, como aprendem, compram, namoram, votam, consultam médico, fazem sexo.

É isso que acontecia antes e continua acontecendo hoje em dia. Quem detém a informação, tem o poder de controlar e influenciar tudo ao seu redor.

As mídias, como a televisão, constituem um meio de transmitir sons e imagens a enormes distâncias e aproximando o que pensa Eco (2000, p.315) sobre as artes, "um meio artístico que, como tal, promove a formação de uma linguagem autônoma e abre novas possibilidades estéticas". Por outro viés, Libâneo (2002, p.69-70) comenta sobre as mídias, de uma forma mais pedagógica, ao afirmar:

> [...] as mídias apresentam-se, pedagogicamente, sob três formas: com conteúdo escolar integrante das várias disciplinas do currículo, portanto, portadoras de informação, ideias, emoções, valores; como competências e atitudes profissionais; e como meios tecnológicos de comunicação humana (visuais, cênicos, verbais, sonoros, audiovisuais) dirigidos para o ensinar a pensar, ensinar a aprender a aprender, implicando portanto, efeitos didáticos como: desenvolvimento de pensamento autônomo, estratégias cognitivas, autonomia para organizar e dirigir seu próprio processo de aprendizagem, facilidade de análise e resolução de problema, etc.

São essas três formas que devem servir de base para qualquer conteúdo escolar. Espera-se que o aluno consiga compreender e realizar seu desenvolvimento cognitivo através dessa tecnologia que deveria estar disponível em todas as salas de aula. A mídia pode ajudar no cotidiano escolar. Mais e mais, pode contribuir para o desenvolvimento infantil, porém sua utilização deve ser sempre mediada, através de um adulto ou alguém com mais experiência. Atualmente, é raro encontrarmos uma criança que ainda não tenha tido contato com ela e com isso, influenciada por essas máquinas.

Um exemplo de como essa expansão tecnológica começou, encontramos na experiência de um funcionário da antiga Westinghouse.[1] Outro exemplo da expansão e dos efeitos culturais dos avanços tecnológicos, encontra-se no que diz Eco (2000, p.316-317):

---

[1]Antes de continuarmos a falar sobre as mídias, vamos entender um pouco como isso tudo começou. Em Pittsburgh, nos Estados Unidos, um funcionário da antiga Westinghouse, hoje renomeada CBS Corporation, uma empresa americana de manufaturados, chamado Frank Conrad, através de uma experiência, de fundo de

> Isso atraiu um público que não demonstrava particulares inclinações estéticas: queriam apenas ouvir músicas em casa, nesse sentido, o rádio desempenhou imediatamente uma função musical, cujo alcance só se poderá avaliar a uma distância de várias dezenas de anos. De fato, o rádio pôs à disposição de milhões de ouvintes um repertório musical ao qual, até bem pouco tempo, só se podia ter acesso em determinadas ocasiões. Daí a expansão da cultura musical nas classes médias e populares (fenômeno que se pode apreciar melhor recordando como a música setecentista foi toda dedicada e dirigida a um público de corte, enquanto que a do século passado, se tornou, ao contrário, um divertimento típico da burguesia), o aprofundamento do conhecimento do repertório (dado que o rádio também podia impor ao público as composições menos conhecidas e mais esquecidas nos programas dos concertos habituais), e o estímulo para promover manifestações musicais e compor músicas originais (campo em que o rádio, bem ou mal, assumiu o papel que, no passado, pertencera a indivíduos isolados ou às instituições com tendências ao mecenatismo).

Juliano (1997, p.71) comenta em sua tese que ao resgatarem da história da telenovela registros de depoimentos de pessoas que participaram desse início:

> [...] radioteatro, radiomusical e os grandes shows influenciaram a maneira de fazer esta televisão, ainda que ela fosse elitista, ou seja, ainda houvesse um certo distanciamento do popular, o que o rádio não tinha. Com o aumento do número de aparelhos de TV começou a haver um processo de popularização da própria programação, chegando a esses níveis de massificação em que ela hoje se encontra.

É por isso que essa indústria gigantesca conquista e se estabelece cada vez mais socialmente, principalmente no que se refere à televisão e à *internet.* Quando sentamos diante de um aparelho de TV e assistimos aos nossos programas favoritos ou navegamos pela *internet* não nos preocupamos mais “com o mundo lá fora”. Queremos viajar e curtir o que estamos assistindo ou vendo na *web* (na rede), esquecer por alguns instantes os problemas

---

garagem, feita com um transmissor, começou, meio sem querer, a transmitir notícias lidas dos jornais e músicas de disco. Esse funcionário lia e transmitia o que desejava, sem pretensão nenhuma, apenas por diversão e curiosidade. Aos poucos, foram aparecendo aparelhos de rádio receptores nas lojas da cidade e com isso, atraiu a atenção da direção da Westinghouse, pois os aparelhos vinham adaptados para ouvir a “WestinghouseStation”. Algumas transmissões importantes foram feitas através dessa radio de “fundo de quintal”, tais como as transmissões de resultados de eleições presidenciais em 1920 e outros acontecimentos. Com isso marcou-se o início das transmissões radiofônicas e do rádio como *mass médium* (conjunto de mensagens culturais, informativas ou publicitárias, que servem para o grande público, tais como televisão, radio, imprensa, cartazes etc.). Esse “projeto/experiência” de fundo de garagem criou um fenômeno jamais visto até então naquela época. O rádio uniu pessoas que apreciavam ouvir músicas e alguns, escreviam para Conrad, pedindo que ele tocasse suas músicas preferidas. A partir do momento em que foi anunciado, nos anos 1950, que a televisão era descendente do rádio como o resultado da fusão de rádio, cinema e teatro, começamos a imaginar muitas vidas em uma só vida e é o que fazemos diante de um programa de televisão ou uma novela, onde tudo é programado para agradar a maioria dos telespectadores e onde quase tudo é perfeito e todos são felizes. Muitas vezes, queremos e ansiamos ter a mesma vida perfeita da personagem do filme ou da novela.

cotidianos, seja em casa, seja no trabalho. Portanto, mais que mera diversão ou entretenimento, o que essa indústria fornece são porções rigorosamente quantificadas de fantasia, desejo e euforia para pessoas cujas condições de vida as tornam carentes e sedentas delas. Vale ressaltar que não só as pessoas mais pobres financeiramente assistem à televisão, mas todas as pessoas, independente de cor, raça, religião ou posição social. Benjamin (apudJULIANO, 2003, p. 311) diz que:

> Elas *[máquinas]* trabalham em tal velocidade que 'alienam' as pessoas de 'seus próprios seres vagarosos', neles engendrando 'um terror pânico' do destino mecânico: 'Existe uma forma moderna de tragédia: é uma espécie de mecanismo grande que gira, mas mão alguma toca o timão.

Cada ser humano tem o seu próprio tempo e aprende de uma forma diferente de outro ser humano. Assim também acontece com as crianças. Essa velocidade de informação passada pela mídia é que muitas vezes assusta e demora a ser digerida. Porém, é justamente essa velocidade de uma máquina chamada televisão que atrai e conquista. Pela rapidez com que se muda de canal e encontra-se o que se deseja, é que torna essa máquina tão funcional e indispensável. Essa facilidade de trocar de canal sem sair do lugar só é possível por causa do controle remoto e o ato de mudar de canal a todo instante ficou popularizado por *zapping.* É no troca-troca de imagem que perdemos o interesse pela mesma imagem. Sarlo (2006, p.57) analisa o *zapping* da seguinte maneira:

> Imagens demais e um dispositivo relativamente simples, o controle remoto, tornaram possível o grande avanço interativo das últimas décadas, que não foi resultado de um desenvolvimento tecnológico da parte das grandes corporações, e sim dos usuários comuns e correntes. Trata-se, é claro, do zapping.
> O controle remoto é uma máquina sintática, uma moviola caseira de resultados imprevisíveis e instantâneos, uma base de poder simbólico que é exercido segundo leis que a televisão ensinou a seus espectadores.

É tanta informação e tantas mudanças de imagens num curto espaço de tempo que fica difícil saber o que procuramos quando zapeamos. Por isso, a televisão criou suas próprias leis. O que acontece é que acabamos incorporando essas leis sem nos darmos conta. Sarlo (2006, p.57) enumera essas leis:

> Primeira lei: produzir a maior acumulação possível de imagens de alto impacto por unidade de tempo e, paradoxalmente, baixa quantidade de informação por unidade de tempo ou alta quantidade de informação indiferenciada (o que oferece, de todo modo, o "efeito de informação").

> Segunda lei: extrair todas as conseqüências do fato de que a retroleitura dos discursos visuais ou sonoros, que se sucedem no tempo, é impossível (exceto quando a pessoa grava um programa e realiza as operações próprias dos especialistas em mídia e não dos telespectadores). [...]. Terceira lei: evitar a pausa e a retenção temporária do fluxo de imagens, porque conspiram contra o tipo de atenção mais adequada à estética dos meios de massa e afetam o que é considerado seu maior valor – a variada repetição do mesmo. Quarta lei: a montagem ideal, ainda que nem sempre possível, combina planos muito breves.

São justamente essas leis, ensinadas pela própria televisão,que fazem dela esse sucesso estrondoso, um veículo de entretenimento que oferece inúmeras opções de divertimento e o melhor, nem precisamos sair de casa. É o espetáculo de usufruto das massas.

Como disse o teórico Guy Debord (2003, p. 15):

> O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente.Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente predominante. Ele é a celebração onipresente de uma escolha já feita na esfera da produção, e no seu corolário – o consumo. A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a presença permanente desta justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna.

É esse mundo de espetáculo que conquista cada vez mais as pessoas em sua volta, e consequentemente, a televisão acaba conquistando também, e mais ainda, o público infantil. Ela é formadora de opinião e está presente em quase todos os lugares do mundo, e também nos lares do povo brasileiro. Para Mattos (1982a, p.37), tanto o rádio como a televisão auxiliaram na "construção da moderna sociedade capitalista brasileira bem como tiveram seus rumos afetados por essa ideologia governista". Então, é necessário que tenhamos uma visão, uma imagem mais condizente com o nosso mundo, com a nossa vida atual, pois a vida real é muito diferente da vida maravilhosa que vemos naquele programa de TV ou na novela, onde a mocinha sempre termina com o galã no final da trama. Há críticos que pensam de forma diferente, como Postman (1999, p. 229), que em uma constatação negativista, afirma:

> Quando toda uma população vê suas atenções atraídas pelo trivial, quando a vida cultural é redefinida como uma sucessão perene de entretenimentos, quando toda conversação pública séria se torna um balbucio infantil, quando, em suma, um povo vira platéia e seus negócios públicos um

> número de revista, então a nação se acha em risco: a morte da cultura é uma possibilidade nítida.

A televisão traz consigo uma ideologia, uma apropriação imaginaria da realidade, mas também traz consigo um poder de dominação, que age por meio de convencimento. Segundo Marx (*apud* LOWY, 1985, p.12), "a ideologia é o equivalente à ilusão, falsa consciência, concepção idealista na qual a realidade é invertida e as ideias aparecem como motor da vida real". Outros pensadores dizem que a ideologia é uma ideia, um discurso que mascara o objeto. Então, a ideologia mascara a realidade. A televisão nos tira da realidade em que vivemos e estamos acostumados e nos apresenta um mundo repleto de novidades, de prazeres. É uma arte e, como toda arte, nos encanta, nos cativa, nos emociona. Nas palavras de Juliano (1997, p.45):

> Televisão é um bem simbólico que tem na arte o seu referente, o seu elemento estruturante, e como todo bem simbólico carrega consigo uma ideologia.À semelhança da arte e da cultura, a televisão, para ser bem simbólico, possui um requisito fundamental: o de não estabelecer uma relação direta entre o 'objeto real' e o objeto que se dá ao consumo. Há uma relação mediatizada. A informação que a televisão veicula passou pela reelaboração de quem a sistematizou, classificou e entregou à exposição. O mesmo ocorre com o objeto artístico e as manifestações culturais que se fazem pela composição de aspectos dados à fruição, ou ao entretenimento do grande público.

Informação essa que chega até os telespectadores em forma de atração, chamando a atenção de quem está na frente do aparelho; a informação conquista, entretém. É de conhecimento público que as novelas conseguem entreter o público, conquistam e continuam conquistando uma grande maioria do povo brasileiro. Faz parte da nossa cultura sentar em frente à televisão e ficar horas e horas vendo novelas. Juliano (1997, p.16) comenta:

> Acrescido da imagem - significativa adição - o romance-folhetim é aceito pelo público na medida em que ele vai incorporando o aparelho de TV ao rol de modernização dos eletrodomésticos de suas casas, considerando a telenovela o ponto alto do entretenimento familiar.

A história que se passa na televisão através da novela é compartilhada por todos que assistem e ultrapassa o ambiente familiar, servindo de comentários na hora do descanso no trabalho ou simplesmente numa mesa de bar ou restaurante. Juliano (1997, p.13) continua a reflexão afirmando que numa pesquisa realizada a respeito da "novela das oito", dentro da casa dos brasileiros, a autora Ondina Leal (apud JULIANO, 1997, p.14) diz que "a novela é uma estória de famílias e relações familiares, assistida e comentada no núcleo familiar, na

qual a decodificação da mensagem se dá a partir de uma dimensão subjetiva e que passa por este universo doméstico."

Quem nunca escutou a seguinte frase: "Silêncio, está na hora da novela". A teledramaturgia brasileira é famosa no mundo inteiro. Exportamos novelaspara muitos países do mundo e que são um sucesso. Algumas atrizes brasileiras são reconhecidas mundialmente.[2] É a partir disso que percebemos que estamos cercados de imagens, somos conquistados diariamente e nos acostumamos com elas. E não apenas isso. O apelo pelo consumismo, oculto através das imagens sedutoras, nos é mostrado de uma maneira natural, simples e convidativa. Se uma protagonista da "novela das oito" aparece com um corte de cabelo maravilhoso e uma roupa "transada", é natural encontrarmos esse tipo de cabelo nas ruas e as roupas nas vitrines das lojas, da noite para o dia. O acesso à *internet*, aos *sites* especializados, é instantâneo. Todos procuram rever a cena onde tal corte ou roupa aparecem. Sevcenko (2001, p. 64) comenta:

> [...] a comunicação básica, aquela que precede a fala e estabelece as condições de aproximação, é toda ela externa e baseada em símbolos exteriores. Como esses códigos mudam com extrema rapidez, exatamente para evitar que alguém possa imitar ou representar características e posição que não condizem com sua real condição, estamos já no império da moda. As pessoas são aquilo que consomem. O fundamental da comunicação – o potencial de atrair e cativar – já não está mais concentrado nas qualidades humanas das pessoas, mas na qualidade das mercadorias que elas ostentam, no capital aplicado não só em vestuários, adereços e objetos pessoais, mas também nos recursos e no tempo livre empenhados no desenvolvimento e na modelagem de seu corpo, na sua educação e no aperfeiçoamento de suas habilidades de expressão. Em outras palavras, sua visibilidade social e seu poder de sedução são diretamente proporcionais ao seu poder de compra.

A comunicação está voltada para o consumo exacerbado e torna o ser humano um produto que deve estar atentoa tudo que possa ser comprado.

Vivemos em um período onde o uso das tecnologias, entre elas as mídias, em particular a televisão e o computador, está revolucionando valores, aprendizagens, costumes, tradições. O computador atualmente exerce na educação um papel de grandes significações e é muito importante que todas as crianças, independente de classe social, tenham acesso de forma educativa a esse meio de comunicação. O computador faz parte da realidade educacional de muitas crianças da rede particular de ensino. Existem professores capacitados

[2]Uma das atrizes brasileiras mais conhecidas no exterior é a atriz Lucélia Santos, por causa de sua personagem, que dá título à novela, *A Escrava Izaura*. Muitos não sabem, mas a novela é uma adaptação de um livro do escritor brasileiro Bernardo Guimarães.

que ministram aulas de informática e a presença de um profissional da área é de suma importância para o bom uso dessa ferramenta. Os indivíduos, entre eles as crianças, enfrentam um mundo com rápidas mudanças, numa sociedade globalizada. Almeida (1998, p.50) comenta que precisamos de:

> Cidadãos que tenham capacidade de aprender a aprender e de utilizar a tecnologia para a busca, a seleção, a análise e a articulação entre informações e, dessa forma, construir e reconstruir continuamente os conhecimentos, utilizando-se de todos os meios disponíveis, em especial dos recursos do computador.

Precisamos pensar e repensar em criarmos cidadãos que busquem, através da educação, soluções para essas mudanças repentinas. Assim, teremos crianças que se tornarão adultas, críticas e conscientes dos desafios que estão por vir. As diferentes atividades com o computador devem facilitar o desenvolvimento de cada criança, dependendo de sua faixa etária, sempre respeitando seus conhecimentos e aptidões. Através do computador, a criança deveria expressar sua criatividade, assim como ajudar na construção e na socialização do conhecimento. Belloni (2001, p.5) explica que devemos "assegurar que não se percam de vista as finalidades maiores da educação, ou seja, formar o cidadão competente para a vida em sociedade o que inclui a apropriação crítica e criativa de todos os recursos técnicos disponíveis desta sociedade". Devemos, nós pedagogos, no caso das aprendizagens escolares, estar sempre aptos a aprender com o computador, facilitando assim a mediação com todas as crianças. Através dessa facilitação, ajudaremos estas crianças a receber uma educação mais condizente com a atual realidade. As crianças precisam estar não só "antenadas" com os avanços do mundo tecnológico, mas compreender como esse mundo funciona e como podemos conviver, prazerosamente, com essas tecnologias midiáticas. Lisbôa (2004, p.55) comenta que " ocomputador atualmente passa a exercer na educação um papel significativo e é importante que as crianças tenham acesso de forma educativa ao treinamento de habilidades básicas para comunicar-se, operar equipamentos eletrônicos em casa, no trabalho, nas escolas e até no lazer."

O computador é uma ferramenta importantíssima para a educação e especialmente para a Educação Infantil. Ele exerce um papel significativo e é de suma importância que as crianças tenham acesso a essa ferramenta valiosa. É através do computador que muitas pessoas se comunicam e interagem hoje em dia. Nossa sociedade vive num momento virtual, onde amizades são feitas, negócios são fechados e informações são repassadas. Operar essa mídia e conhecer seu funcionamento é quase que um ato mecânico para nossas crianças

contemporâneas. Elas já nascem em um meio midiático, onde é natural operar um computador, navegar na "rede", zappear pela televisão. Mas, voltando a ressaltar, é uma ferramenta importante e precisa ser mediada, pois os adultos exercem grande influência no processo de aprendizagem das crianças, estabelecendo limites e selecionando os conhecimentos necessários para a interação com a realidade e as diferentes transformações em sua volta.

Vygotsky (1989, p.89) afirma:

> O que a criança é capaz de fazer hoje em cooperação, será capaz de fazer sozinha amanhã. Portanto, o único tipo positivo de aprendizagem é aquele que caminha à frente do desenvolvimento, servindo-lhe de guia. [...]. O aprendizado deve ser orientado para o futuro, e não para o passado.

É esse tipo de aprendizagem que devemos evidenciar cada vez mais e repassar para os nossos alunos.Todos os seres humanos aprendem vivenciando e interagindo com os outros e com o meio em que vivem. Assim também acontece entre as crianças, que aprendem interagindo uma com as outras. Elas não são meros recipientes, onde depositamos conhecimentos. As crianças são influenciadas e influenciam o ambiente em que vivem. Para Lisbôa (2002, p.40):

> [...] é importante que o educador tenha consciência de seu papel nesse processo, pois quando ele oferece informações ao seu aluno está atuando como representante do processo cultural que produziu este conhecimento. Para se compreender o desenvolvimento de uma criança não se deve fixar apenas no que ela já sabe desempenhar, fazer (desenvolvimento real) mas é preciso se fixar também no que a criança pode fazer sob a orientação de pessoas mais capazes (desenvolvimento potencial).

Tendo consciência de seu papel na sociedade, o educador pode incentivar a criança a perceber seu potencial e sempre procurar mediar esse conhecimento adquirido.Foi realizada uma pesquisa em 2002, na cidade de Florianópolis/SC[3], com crianças que tinham um histórico de repetências consecutivas, numa sala de 20 alunos, e foi constatado que o uso do computador na educação apresentou uma contribuição significativa em diferentes disciplinas. As crianças se envolveram no processo e suas notas melhoraram, podendo assim auxiliar os professores em diferentes situações de aprendizagem e, ainda, compreendendo as dificuldades que os alunos tinham em certas disciplinas.

---

[3] Pesquisa realizada em 2002 pelas pedagogas Lisboa e Scheffler, numa comunidade de Florianópolis, relatada no livro *Brincando e Teclanndo com alegria.* Cf. LISBOA, Marli Lucia. **Brincando e teclando com alegria.** Florianópolis: [s.n.], 2004.

Ceccon (1982, p.51) argumenta:

> [...] é por tudo isso que querer tratar da mesma maneira alunos que se encontram em situação desigual, fingindo que todos têm a mesma possibilidade de aprender o que a escola ensina, significa não apenas manter a desigualdade, mas até aumentá-la.

Cada aluno tem que ser respeitado e compreendido pelo meio em que vive e avaliado através do seu cotidiano escolar e familiar. Cada criança vem de uma família diferente e traz consigo características de aprendizado diferenciado. Algumas não têm acesso ao computador em casa. Cabeà escola proporcionar esse contato com o mundo virtual.O principal objetivo de introduzirmos computadores no cotidiano escolar é proporcionar às crianças fazerem coisas novas e diferentes do que estão acostumadas a fazer no dia a dia escolar. Há muitas escolas com computadores e existem muitas políticas públicas de investimento em tecnologia nas escolas. Mas ainda não é fácil: em alguns lugares do país, como no interior do Amazonas, ainda faltam salas especializadas em tecnologia e alguém capacitado para operá-la. Como o apoio do governo demora, associado ao crescente descrédito na educação pública, é cada vez mais difícil introduzir diferentes tecnologias nas escolas. Sampaio e Leite (1999, p.18) comentam:

> [...] formar verdadeiros cidadãos, capazes de analisar o mundo (este mundo tecnológico) e construir opinião própria com a consciência de seus direitos e deveres, é uma tarefa que algumas vezes a escola tem dificuldade em realizar por diversos fatores políticos e sociais [...].

Não é uma dificuldade recente e infelizmente está longe de ser solucionada. A escola depende de verbas fornecidas pelo governo e muitas vezes essa verba não é o suficiente para suprir todas as necessidades que uma escola precisa, seja ela estadual ou municipal. Mas esse assunto é discussão para outra dissertação.

O uso de algumas tecnologias, como a televisão e o computador, incluindo os seus recursos, como *internet*, permitem aos alunos e professores ultrapassarem as paredes das escolas e interagir virtualmente com outros alunos e educadores. Através desses recursos, podemos ampliar nossos conhecimentos e ter acesso a diferentes informações, trazendo para dentro de sala de aula um ambiente diferente e inovador.

Enfim, a educação ainda é a peça chave para realizarmos mudanças no ambiente escolar, familiar e social. Entendemos, por educação, segundo Kenski (2007, p.18):

> [...] um mecanismo poderoso de articulação das relações entre poder, conhecimento e tecnologias. Desde pequena, a criança é educada em um determinado meio cultural familiar, onde adquire conhecimentos, hábitos, atitudes, habilidades e valores que definem a sua identidade social. A forma como se expressa oralmente, como se alimenta e se veste, como se comporta dentro e fora de casa são resultado do poder educacional da família e do meio em que vive. Da mesma forma, a escola também exerce o seu poder em relação aos conhecimentos e ao uso das tecnologias que farão a mediação entre professores, alunos e os conteúdos a serem aprendidos.

A escola ainda representa para a sociedade em que vivemos a segurança e a garantia de uma vida melhor, a forma mais segura de aprendizado e um espaço de socialização. Em um momento de tantas mudanças, de rapidez nas informações e de inseguranças, é preciso ter esperança de um futuro digno para as nossas crianças. Porém, segundo Azevedo *( apud* KENSKI, 2007, p.66), precisamos de uma escola que possa:

> [...] responder a uma pluralidade de mandatos sociais (de instrução, de socialização, de profissionalização, de participação cívica, de formação ética, de desenvolvimento estético), subordinando-os não apenas ao referente econômico (formar recursos humanos, fatores de produção), mas ao desenvolvimento das pessoas, qualquer que seja a sua idade, qualquer que seja o momento em que procuram o ensino e a formação.

A educação escolar deve preparar pessoas capazes de exercer suas obrigações sociais, deve oportunizar a busca de conhecimentos, formando alunos autônomos, deve planejar e implantar propostas dinâmicas de aprendizagem, deve garantir a formação de pessoas para o exercício da cidadania e do trabalho. Assim, nossas crianças serão sujeitos de sua própria existência e não apenas meros telespectadores.

## 2.3 O OLHAR IMAGÉTICO

A imagem está lá apenas para uma informação, e muitas vezes, para induzir. As imagens são textos e tem sentidos e estão cada vez mais abundantes e importantes em nossa sociedade. Afinal, quando vemos alguma imagem de objeto ou figura, é através dos olhos que essa imagem nos é apresentada, mas somos conquistados através da mensagem por trás dessa imagem. Em cada época, as sociedades vêem as coisas a partir do olhar histórico cumulativo de sua época, da mesma forma que cada indivíduo vê através da sua história. O autor Aumont (1995, p. 17) explica que:

> [...] a experiência cotidiana e a linguagem corrente nos dizem que vemos com os olhos. Isso não é falso: os olhos são um dos instrumentos da visão.

> Entretanto, deve-se logo acrescentar que são apenas instrumentos, e sem dúvida, não o mais complexo. A visão é, de fato, um processo que emprega diversos órgãos especializados. Numa primeira aproximação pode-se dizer que a visão resulta de três operações distintas (e sucessivas): operações ópticas, químicas e nervosas. A percepção visual é o processamento, em etapas sucessivas, de uma informação que nos chega por intermédio da luz que entra em nossos olhos. Como toda informação, esta é codificada – em um sentido que não é o da semiologia: os códigos são, aqui, regras de transformação naturais que determinam a atividade nervosa em função da informação contida na luz.

Então, literalmente, e normalmente, vemos com os olhos, mas somos apresentados ao mundo através da visão – numa compreensão através de códigos já apreendidos culturalmente. O olhar é entendido como uma construção da representação de um dado momento, possível a partir de um determinado meio cultural. Juliano (1997) cita Buck-Morss (2002) ao articular as passagens de Walter Benjamin para a modernidade, e observa que a mudança maior na percepção humana, com o aperfeiçoamento das técnicas visuais, no advento da indústria, foi a substituição de uma estética para a outra, de um sentido antigo para um novo. Nas palavras de Benjamin (*apud* JULIANO, 1997, p. 4):

> Talvez o espetáculo diário de uma multidão em movimento apresentasse ao olho uma visão perante a qual ele tivesse que se adaptar primeiro. [E]ntão, a suposição de que, tendo conseguido desempenhar essa tarefa, o olho tenha se adaptado às oportunidades de confirmar sua possessão dessa nova habilidade não é impossível. O método da pintura impressionista, onde o quadro se compõe pela justaposição de um tumulto de pontinhos de cor, seria então uma reflexão da experiência com a qual o olho de um morador de uma grande cidade já se tornou familiar.Benjamin (*apud* JULIANO, 1997, p. 4).

É quando o olhar se acostuma com a imagem que está diante do olho, isto é, quando uma criança vê sempre a mesma propaganda ou o mesmo desenho animado, o olho se acostuma com a imagem. A criança não é um sujeito passivo, muito pelo contrário. Ela é capaz de elaborar as informações obtidas, perceber as imagens que encontra no mundo e, com isso, vai formulando suas opiniões, conceitos, percepções – constrói repertório cultural para viver nesse mundo imagético. É um sujeito ativo e esse sujeito não é de definição simples. Muitas determinações diferentes, até contraditórias, intervêm em sua relação com uma imagem: além da capacidade perceptiva, entram em jogo o saber, os afetos, as crenças, a cultura em que a criança está inserida.

## 2.4 IMAGENS DA CRIANÇA / INFÂNCIA

Ilustração 1 – As Meninas (*Las Meninas*), de Velázquez

Disponível em: <http://www.mystudios.com/art/bar/velazquez/velazquez-las-meninas.html>. Acesso em: 24 set. 2013.

Analisando esse quadro de Velázquez, famoso pintor espanhol do século XVII, observa-se a imagem de várias mulheres reunidas. Algumas, pelo tamanho, aparentam ser meninas. As roupas que usadas não fazem distinção de idade, mas deixam evidentes os degraus da hierarquia social. Era muito comum as crianças se vestirem como adultas nessa época, escondendo sua infância. Quando falamos em Educação Infantil, logo nos vêm à mente as palavras infância e criança. No entanto, esses dois conceitos precisam ser diferenciados. Segundo Pilotti (1995, p.25):

> [...] o último [o conceito de criança] se refere à dinâmica do desenvolvimento da criança individual, através do qual, eventualmente, chegará à condição de adulto. Em oposição, o conceito de infância se localiza na dinâmica do desenvolvimento social e corresponde a uma estrutura social permanente, embora se caracterize pelo fato de que os autores que a integram o fazem transitoriamente num processo de permanente substituição. Por meio do conceito infância é possível transcender o detalhe da situação individual de uma criança, para remontar-se à análise das mudanças históricas e culturais que caracterizaram a construção social da posição da infância na sociedade.

Assim, a definição da ideia de infância tornou a criança o centro da educação, o que possibilitou observar como se construiu uma determinada concepção de criança que seria

nomeada, segundo Euripedes (apud SNYDERS, 1984 pag.6), um dos educadores do movimento da Pedagogia Nova, como “concepção funcional de infância”. Todavia, a ideia de infância é um fenômeno histórico, isto é, cada sociedade produz e assume como seu um conjunto de ideias sobre a infância. Oliveira (1989, pag.17) afirma que essas ideias passam a nutrir “a relação social que se trava entre a criança e a sociedade, ao mesmo tempo que conforma essa imagem”. Nas palavras de Jodelet (1984, pag.17-18):

> O conjunto de ideias ou imagens que determinadas sociedades constituem sobre a infância podem ser consideradas, enquanto produções humanas, instituindo-se como fenômenos simbólicos, sociais e culturais, ou seja, como representações sociais da infância, entendidas as representações como “um sistema de interpretações das relações dos homens entre si e com o seu ambiente, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais, intervindo no desenvolvimento individual e coletivo, na definição da identidade pessoal e social, na expressão de grupos, na difusão de consciências e nas transformações sociais”.

Assim, as sociedades construíram suas próprias imagens sobre a infância. Alguns textos da antiguidade Clássica e da Idade Média nos permitem avaliar as representações que algumas sociedades tinham sobre a infância. Nos textos de filósofos gregos encontram-se as mais antigas referências à criança, onde predominam as comparações entre a criança e o escravo, pois por meio de costumes implantados nesta sociedade, a punição era feita através de castigos corporais, aplicados tanto nas crianças como nos escravos. Mas, algumas pessoas daquela sociedade não aceitavam que se batesse nos alunos, pois o castigo físico tinha sido feito para os escravos. Assim, a criança e o escravo apareciam, em várias ocasiões, bem próximos uns dos outros, como em um dos textos do filósofo Platão (*apud* GAGNEBIN, 1997, p. 170-171): “a preocupação de que as crianças não poderiam passar sem pessoas que a conduzissem, assim como os escravos não podiam passar sem o senhor”. Porém, era preciso prestar atenção para o fato de que, ao lidar com as crianças, é preciso tomar alguns cuidados, pois estava se lidando com sujeitos de condição livre.

De diferentes formas, alguns textos da Antiguidade deixam transparecer a ideia de uma infância querida e respeitada, pois acreditavam que existia um certo amor dos pais pelos filhos. Snyders (1984, p.27) compara:

> [...] na Ilíada, de Homero, por exemplo, a autor deixa fluir o amor de Heitor pelo filho, no momento da separação: “Permita que se diga um dia de Astynax – ele é bastante melhor que seu pai”, pousando o filho nos braços da mulher Andrômaca, que recebe-o rindo entre lágrimas.

Sentimentos de vários tipos se misturavam nos textos antigos. Respeitava-se a inocência infantil, a apreensão pela ausência do filho e, por outro lado, a presença no dia a dia da vida dos romanos, por exemplo, do enjeitamento da criança. Eles acreditavam que não bastava nascer para se ter o direito de viver. Isso dependia da decisão do chefe da família. Se a família não tinha condições de arcar com as despesas que esse ser acarretaria, a criança era facilmente abortada ou oferecida para quem quisesse criá-la.

Não podemos deixar de citar o pensamento cristão que, desde a sua origem, já no Antigo Testamento, fez observações sobre a infância. A criança aparece como um símbolo e com a missão de trazer paz para o mundo, onde o fraco, a começar por ela mesma, não temerá o perigo e a presença de forças malignas. Numa passagem bíblica, Isaías diz: “O lobo habitará com o cordeiro, a pantera deitar-se-á ao lado do cabrito. [...] o bebê brincará no antro da víbora.” (Isaías 11: 6-8).

Durante a Idade Média, a autora Elisabeth Badinter, em seu livro *Um amor conquistado*, comenta que a teologia cristã, na pessoa de Santo Agostinho, elaborou uma imagem dramática da infância porque, segundo Banditer (1985, p.57), “logo que nascia, tornava-se a força do mal, um ser imperfeito, esmagado pelo peso do pecado original”.

O pensamento de Santo Agostinho reinou por muito tempo na história da pedagogia. Ariès (1981, p.53) comenta:

> [...] a partir do século XIII, surgiram três tipos principais de representações de criança sagrada na iconografia. A primeira é o anjo, representado sob a aparência de um rapaz adolescente. O segundo tipo de criança seria o modelo e o ancestral de todas as crianças pequenas da história da arte – o menino Jesus, ou Nossa Senhora Menina – ligando a infância ao mistério da maternidade da Virgem Maria e ao culto de Maria. O terceiro tipo aparece na fase gótica – a criança nua. Antes, o Menino Jesus quase nunca era representado despido. No final da Idade Média, ele se desnudou.Ariès (1981, p.53)

Ilustração 2 – Virgem Maria e o Menino Jesus

Disponível em: <www.artessacras.com>. Acesso em: 24 set. 2013.

Observando a imagem da Virgem e de Jesus, percebe-se que a criança divinizada tinha características humanas: um olhar cativante, a inocência infantil. A imagem da mãe que segura amorosamente o filho é passível de conquista, pois o amor é nítido na imagem representada.

No Brasil, a projeção dessa imagem europeia na colônia, realizada pela Companhia de Jesus, podia explicar o grande interesse desta Companhia pelos “curumins”, pelos meninos da terra. Em prol desta causa, foram fundados colégios desde 1554 no Brasil, num momento em que, segundo Priore (1991, p.21), “a criança é percebida como momento oportuno para a catequese porque é também o momento de unção, iluminação e revelação. É o momento visceral da renúncia da cultura autóctone das crianças indígenas uma vez que cartas táticas e valores ainda não se tinham sedimentado”.

A infância e a educação se transformaram em um negócio altamente lucrativo e foi disputadíssimo em vários países da Europa. A proposta pedagógica jesuítica insere-se no movimento religioso da Reforma e Contra-Reforma, justamente no momento em que se percebe a criança como um sujeito autônomo, que tinha características próprias. A construção da ideia de infância que ocorreu entre o século XVII e o início do século XX é considerada como uma transformação sociocultural. A partir dessa nova concepção, se desenvolveu diversas relações entre classes e grupos. Stone (1989, p.46) chama essas novas relações de “difusão cultural”.

Essas transformações contribuíram para o crescimento cada vez maior da infância. A estrutura familiar sofreu alterações e, portanto, a relação entre pais e filhos, no que diz

respeito à privatização dos costumes, laços afetivos e condições de vida. Schmidt (1997, p.23) explica que:

> [...] no contexto dessas mudanças, dois fenômenos são perceptíveis no que tange à infância. O primeiro é o que se refere ao processo de escolarização. A escola passou, gradativamente, a substituir a família como lugar de aprendizagem. Por meio da educação escolar, a criança se separou do núcleo familiar privado e iniciou o seu processo de socialização. O segundo relaciona-se ao lugar que a criança assumiu no interior da família, que passou a se organizar em torno de sua criação, constituindo uma verdadeira revolução educacional e sentimental.

A partir dessas transformações, a ideia da representação de infância começa a tomar corpo e o que antes correspondia a etapas biológicas, passou a ser encarado como funções sociais. As imagens sobre a infância começam a se multiplicar. A criança passou a vestir-se de maneira mais específica para a sua idade, adotando um estilo mais diferenciado do adulto.

## 2.5 IMAGEM ESTÁTICA E IMAGEM EM MOVIMENTO

Ilustração 3 – *Na rua*, quadro de Carlos Scliar (1940)

Disponível em: <http://todosospossiveis.blogspot.com.br/p/educacao.html>. Acesso em: 24 set. 2013.

Ilustração 4 – Cena do filme *Cinema Paradiso*(Itália, 1988)

Disponível em: <http://www.lightroom.com.br/2011/10/o-papel-do-fotogrado/>. Acesso em: 24 set. 2013.

Quando falamos em movimento da imagem ou a imagem em movimento, podemos pensar em inúmeras situações. Do mesmo modo, quando falamos em imagem estática. Nesse tópico, abordaremos a imagem cinematográfica e a imagem fotográfica, onde a inseparabilidade de tempo e espaço está sempre presente e exerce forte influência nos modos literários de narrar. O tempo, que é invisível, é preenchido com o espaço ocupado por uma sequência de imagens visíveis. Desse modo, o invisível e o visível se misturam, e fica significativa e evidente a passagem da imagem em movimento para a imagem estática, como a fotografia. Pellegrini (2003, p.18) comenta que "os domínios do percebido (o espaço imagético) e o do sentido ou imaginado (tempo), o visível e o invisível, não se distinguem mais, pois um não existe sem o outro".

A imagem cinematográfica deve ser olhada como uma construção da representação de um dado momento, que só é possível baseada em um determinado meio cultural. Ela não é só encantamento, tem que existir uma postura crítica e uma consciência dos diferentes níveis de construção e saber articular os elementos que a compõem. No cinema, é preciso que os sentidos sejam produzidos não de uma forma isolada, mas com um pensamento que é concretizado através da duração de suas imagens. O olhar de um cineasta se expressa por imagens nas quais há a construção de uma certa visão de mundo sobre determinados aspectos. É necessário ler a representação imagética que a produção cinematográfica propõe.

Lucas (1998, p. 11-12) comenta:

> Ler significa, portanto, lidar com a construção do olhar e das formas pelas quais este se expressa. [...]. Na via de mão dupla que é arte na sua relação com o meio social e seu tempo, as imagens passaram a ser percebidas não como reflexos ou ecos de uma realidade, mas como uma tessitura na qual

> cabe ao historiado, no cruzamento de suas imagens, perceber os tênues fios das vivências e experiências humanas ali presentes. Lança-se o olhar para um mundo de imagens cuja história parece ser plena de significados e sinais.Lucas (1998, p. 11-12)

É preciso aprender a ler essa modernidade e ler significa, portanto, lidar com a construção do olhar e das formas pelas quais se expressa.

A produção de imagens jamais é gratuita, e desde sempre, as imagens foram fabricadas para determinados usos, individuais ou coletivos.A câmera fotográfica determina a noção do tempo e mostra que ela é inseparável da percepção visual. A câmera vira um tipo de olho mecânico livre do movimento apático do ponto de vista humano. Burger (*apud* Lucas, 1998, p.17), um revolucionário diretor de cinema soviético, diz:

> Eu sou um olho. Um olho mecânico. Eu, a máquina, mostro-lhe o mundo da maneira que apenas eu posso ver. Libertei-me hoje e para sempre da imobilidade humana. Estou em constante movimento [...]. Esta sou eu, a máquina, operando em movimentos caóticos, gravando um movimento depois do outro, nas mais complexas combinações. Livre dos limites de tempo e espaço, eu coordeno todo e qualquer ponto do Universo, onde quer que ele seja. Meu caminho conduz a uma nova percepção do mundo. Assim, mostro de um modo novo um mundo seu desconhecido.

É olhar o mundo através de uma máquina, nesse caso, através da televisão ou da *internet*. Um mundo, muitas vezes, completamente diferente da realidade em que vivemos.

A partir do século XIX, através de técnicas de justaposição, a conquista do cinema, que mais tarde refletirá na narrativa moderna, foi o vértice do processo da mudança do conceito de tempo e da realidade. O importante agora não é somente a soma dos momentos individuais da vida, mas o resultado da constante transformação que esses momentos podem ocultar a cada novo momento. Essa nova concepção de tempo tem enorme relação com a técnica cinematográfica. Agora, podemos parar, inverter, repetir, avançar ou retornar a ação. Estamos falando sobre o tempo da imagem móvel, que precede o tempo da imagem ágil da televisão.

Pellegrini (2003, p.22) afirma:

> As mudanças que, com o cinema, atingem a concepção de tempo, alteram também o caráter e a função do espaço, o qual perde sua qualidade estática, tornando-se ilimitadamente fluido e dinâmico, adquirindo uma dimensão temporal que repousa na sucessividade descritiva e/ou narrativa; deixando de ser espaço físico homogêneo e fixo, “pintura”, assume a heterogeneidade do movimento do tempo que o conduz.

Percebe-se, então, a relação da técnica cinematográfica com a literatura. A ação de suas imagens de celulóide em movimento ocupa a técnica literária e suas palavras paradas no papel. Porém, a narrativa literária está de modo inevitável presa à lógica do discurso, ao caráter imediato da linguagem verbal.

Flusser (2002, p.7) nos diz:

> Imagens são superfícies que pretendem representar algo. Na maioria dos casos, algo que se encontra lá fora no espaço e no tempo. As imagens são, portanto, resultado do esforço de se abstrair duas das quatro dimensões de espaço-tempo, para que se conservem apenas as dimensões do plano.

O filme (como antes a fotografia) doa à narrativa literária um modo de ver as coisas que seria imparcial, pois em certos aspectos isentam o movimento, ficando invisíveis a "olho nu". A fotografia capta realidades visuais que ficariam ocultas em uma filmagem. Benjamin (1994, p.94) aborda essa questão sobre a fotografia ao afirmar que:

> [...] percebemos, em geral, o movimento de um homem que caminha, ainda que em grandes traços, mas nada percebemos de sua atitude na exata fração de segundo em que ele dá um passo. A fotografia os mostra essa atitude, através de seus recursos auxiliares: câmera lenta, ampliações. [...]. A natureza que fala à câmera não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente. [...]. Só a fotografia revela esse inconsciente óptico, como só a psicanálise revela o inconsciente pulsional.

Fotografar é um ato difícil, pois depende do olhar e da maneira como o fotógrafo trabalha. As condições culturais não aparecem na imagem fotográfica, mas sim através da triagem da máquina. Flusser (2002, p.30) comenta que "a fotografia não permite ver a condição cultural, mas apenas as categorias do aparelho, por intermédio das quais aquela condição foi "tomada". O gesto de fotografar torna-se um jogo de trocas com as categorias do aparelho. O aparelho força o fotógrafo a converter sua intenção em conceitos, antes de converter em imagens. Flusser (2002, p.32) diz que "fotografias são imagens em conceitos, são conceitos transcodificados em cenas".

Flusser (2002, p.9) prossegue com a reflexão:

> Imagens são mediações entre o homem e o mundo. O homem "existe", isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, interpõem-se entre o mundo e o

> homem. Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombos. O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens.

Devíamos aproveitar as imagens para nos conduzirmos no mundo e não sermos conduzidos por elas. Esse emprego errôneo da função das imagens é vista como uma adoração. Usamos essa idolatria para romantizarmos a vida e talvez torná-la mais fácil de ser encarada e vivida. A realidade, às vezes, pode ser muito frustrante e nem um pouco "romântica". Flusser (2002, p. 9) comenta:

> Trata-se de alienação do homem em relação a seus próprios instrumentos. O homem se esquece do motivo pelo qual imagens são produzidas: servirem de instrumentos para orientá-lo no mundo. Imaginação torna-se alucinação e o homem passa a ser incapaz de decifrar imagens, de reconstituir as dimensões abstraídas. No segundo milênio a.C., tal alucinação alcançou seu apogeu. Surgiram pessoas empenhadas no "relembramento" da função originária das imagens, que passaram a rasgá-las, a fim de abrir a visão do mundo concreto escondido pelas imagens. O método do rasgamento consistia em desfiar as superfícies da imagem em linhas e alinhar os elementos imagéticos. Eis como foi inventada a escrita linear. Tratava-se de transcodificar o tempo circular em linear, traduzir cenas em processos. Surgia assim a consciência histórica, consciência dirigida contra as imagens. Fato nitidamente observável entre os filósofos pré-socráticos e sobretudo entre os profetas judeus.

Com o surgimento da escrita, a luta da escrita contra a imagem caracterizou a História toda. Ao ser inventada, a escrita afastou ainda mais o homem do mundo concreto, quando, na realidade, deveria dele se aproximar. Flusser (2002, p.10) diz que "a escrita surge de um passo para aquém das imagens e não de um passo em direção ao mundo. Os textos não significam o mundo diretamente, mas através de imagens rasgadas. Os conceitos não significam fenômenos, significam ideias".

## 2.6 A HEGEMONIA DA IMAGEM HOJE

As imagens, assim como as histórias, nos informam. É claro que, em todas as sociedades, a maioria das imagens foi produzida para certos fins (de propaganda, de informação, religiosos, ideológicos em geral). Em se tratando de imagens para as crianças, elas são fabricadas, na maioria das vezes, para seduzi-las, visando conquistar cada vez mais o público infantil. Não só a televisão, mas qualquer meio de comunicação, seja computador,

rádio, *outdoor*, está voltado para a sedução desenfreada do "comprar". Não tem problema uma criança querer usar a roupa que o ídolo veste. O problema se encontra no adulto, que incentiva e paga para essa criança consumir tal produto, tal marca. Direcionar o problema somente para os meios de comunicação, no caso, a televisão ou a *internet*, fica muito vago, muito fácil. Segundo Manguel (2001, p.21):

> [...] a existência se passa em um rolo de imagens que se desdobra continuamente, imagens capturadas pela visão e realçadas ou moderadas pelos outros sentidos, imagens cujo significado (ou suposição de significado) varia constantemente, configurando uma linguagem feita de imagens traduzidas em palavras e de palavras traduzidas em imagens, por meio das quais tentamos abarcar e compreender nossa própria existência

As imagens que formam nosso mundo e estão sempre ao nosso redor são símbolos, sinais, mensagens. Estamos à mercê delas e nos acostumamos, pois elas fazem parte do nosso cotidiano. Manguel (2001, p.21) explica que "qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são matéria de que somos feitos". Conduzindo a vontade da população para o consumo e não para o usufruto das mercadorias produzidas, pois hoje tudo é descartável, reduzem-se os desejos por igualdade social e o acesso democrático às condições de vida colocadas à disposição pelo progresso tecnológico. Juliano (1997, p. 35) diz que "o que está em jogo, em todas as formas de cultura, é o poder hegemônico das formulações 'oficiais', em oposição à pluralidade de manifestações sócio-culturais". Enquanto o povo quer supor igualdade de pensamento e comportamento, a classe social quer legitimar as diferenças sociais. Em tempos de modernidade, como explica Leite (1997, p.9), "caracterizada pela pressa, pelos shoppings, pela fastfood (comidas prontas e rápidas), pelo pacote pronto", o incentivo ao consumo indiscriminado é exacerbado. Também as crianças, porque fazem parte dessa mesma sociedade e não de uma sociedade isolada, são vítimas desse processo de pasteurização. Descobertas como consumidoras em potencial, elas têm sido importante alvo desse jogo de mercado. Dias (*apud* KRAMER, 1999, p.177) conclui que:

> [...] quando olhamos nossos alunos e os vemos com o mesmo modelo de tênis, usando mochilas da mesma marca e cantando uma única e mesma música, sendo tão diferentes, é preciso pensar em um maior compromisso da escola na formação da sensibilidade desses sujeitos. Volto a dizer que não penso ser essa questão de responsabilidade exclusiva da escola, mas, sem dúvida, acredito que ela não possa se eximir de sua parcela de contribuição.

Não somente a escola deve reconhecer sua parcela de contribuição, mas a sociedade em geral. Devemos contribuir para a formação dessa mesma sensibilidade, incentivando e criando oportunidades para que as crianças se expressem com vivacidade, clareza e que possam se desenvolver, ampliar e enriquecer suas experiências sensíveis, e com isso, aumentar as suas redes de entendimento e de significação do mundo. Se continuarmos a incentivar o consumo, será um caminho sem volta. Segundo Costa (2009, p.35), "o consumismo é o traço definidor da conduta alimentada pela cultura consumista na sociedade de consumidores". O consumo é cada vez mais abrangente, que organiza a vida social, política, econômica e cultural dos indivíduos que são orientados pelo e para o mercado. Somos constantemente bombardeados com uma série de informações que nos levam ao consumo sem mesmo nos darmos conta. Quando paramos para apreciar a imagem de uma linda modelo, geralmente magérrima, estampada em um enorme *outdoor*, trajando um conjunto de *lingerie*, logo nos vem a imagem de que aquilo não foi "feito para mim", mas desejamos aquilo sem pensar, pois o que é bonito sempre conquista à primeira vista. Desejamos não somente a *lingerie*, mas também o rosto e o corpo da modelo, projetado para passar a imagem da pessoa perfeita e, normalmente, o ser humano sempre almeja a perfeição.

Costa (2009, p.35) afirma:

> Na sociedade de consumidores somos constantemente ensinados, segundo moldes da melhor pedagogia do exercício e do exemplo, a formatar nossas ações rigorosamente dentro de preceitos e táticas que fomentam a realização dos desígnios da sociedade. As crianças de hoje nascem dentro de uma cultura consumista e crescem modelando-se segundo seus padrões e suas normas. Talvez apenas um pouco menos confortáveis nessa moldagem, os adultos também se instalam e se conformam em seu interior.

Temos que seguir as regras impostas por uma sociedade que sempre valoriza o que é perfeito. Nas escolas, as crianças chegam até a serem maldosas com os colegas quando são feitas certas brincadeiras com as imperfeições alheias. Quem nunca escutou alguém ser chamado de "gordinho" ou de "quatro olhos" por usar óculos? Bauman (2008b, p.128) afirma:

> [...] os indivíduos que se satisfazem com um conjunto finito de necessidades, guiando-se somente por aquilo que acreditam necessitar, e nunca procuram novas necessidades que poderiam despertar um agradável anseio por satisfação são consumidores falhos – ou seja, a variedade de proscritos específica da sociedade de consumidores.

Somos incentivados a novas experiências, sejam elas no campo material ou no emocional. A sociedade nos cobra a posição número um, temos que ser os melhores, precisamos da melhor profissão, do melhor carro, enfim, sempre temos que querer mais, ser mais, experimentar mais, ousar mais.

## 3 LITERATURA: MISSÃO SEDUZIR

O trabalho com a literatura exige conhecimentos que levem em consideração a complexidade e a dinâmica histórica que o texto literário adquiriu ao longo dos séculos. A relação da literatura com a sociedade e o que sabemos e conhecemos sobre o assunto literatura não é o mesmo que se imaginava há séculos atrás, quando, no Continente Europeu, o gênero literário "romance" começou a se desenvolver graças ao desenvolvimento dos jornais, que possibilitou uma maior divulgação do gênero, modificando o que até então se conhecia sobre o assunto. PELLEGRINI (2003 p.9) comenta:

> A literatura é um sistema (ou subsistema) integrante do sistema cultural mais amplo, estabelecendo diversas relações com outras artes e mídias. A diversidade de meios e a hibridação de linguagens exigem um leitor que não se prenda à letra, mas esteja aberto à diversidade de suportes pelos quais a literatura circula, bem como às suas combinações com outras artes. O fenômeno não é novo: basta lembrar os livros manuscritos medievais, associando texto, caligrafia e ilustração (iluminura), ou, ainda antes, o hiporquema grego, associando poesia e dança.

A literatura circula e se relaciona com todos os meios, tais como o rádio, a música, com as artes em geral. Quando falamos em narrativas contemporâneas, que conversam com os quadrinhos, a propaganda, os *videos games* e, sobretudo, com a TV, a principal responsável pela espetacularização da vida e por seduzir o indivíduo, não parece fora da realidade pensar que as personagens são pensadas e repensadas para representar a imagem e semelhança de um novo sujeito, que é urbano, habitante dos grandes centros e produto de um complicado sistema de representação das relações sociais que requer a mediação de uma estrutura de comunicações, numa espécie de tripé formado pelo si mesmo, pela mídia e pela realidade.

Considerando-se que é nas instituições de ensino que a grande parte das crianças brasileiras tem acesso a diferentes tipos de livros, principalmente à literatura infantil, é preciso pensar o quanto o professor torna-se responsável por fazer desse um encontro prazeroso e criativo.[4]

[4]Em algumas escolas de Florianópolis, como a Escola Gardner, em São Jose, as professoras levam os bebês, entre 1 e 2 anos, às bibliotecas da própria instituição, e lá, as próprias crianças escolhem o seu livrinho e o leva para casa. Depois de uma semana, o livro retorna à instituição e é feita uma nova visita à biblioteca, onde o processo se repete. É uma forma de familiarizar as crianças desde cedo com os livros e propiciar, de forma lúdica, todo o encantamento que eles podem oferecer.

A aceitação acadêmica da disciplina de Literatura Infantil é recente. Segundo Debus;Domingues;Juliano (2010, p.16-17):

> Não raro, nos cursos de formação de professores do ensino fundamental, apresentam uma legião de acadêmicos que não são leitores e não têm memória de leitura, ou esta se remete apenas aos clássicos da literatura universal, como os contos de fadas e os contos maravilhosos. Essa realidade é confirmada em diversos documentos (disponíveis no site do MEC) sobre a importância do professor-leitor para a qualificação do ensino. Os documentos elaborados surgem de uma constatação: de modo geral, os professores hoje não têm competência leitora, e para mudar essa realidade há que se investir na formação continuada dos docentes.

Essa afirmação é apenas uma ponta desse enorme *iceberg*, que envolve uma gama complexa de variáveis: a formação de professores, o acesso aos livros, o trabalho das bibliotecas e outros. Sem experiência de leituras e sem incentivos, como um professor pode incentivar seus alunos? Muitas vezes, a falta de informação e interesse inibem os docentes a promoverem uma visita à biblioteca mais próxima. Como bem define Culler (1999, p.18), "no texto literário não há a preocupação de atingir um fim como informar, pois o objetivo da literatura é tão somente sensibilizar o leitor". É preciso que, em sala de aula, os professores possibilitem que seus alunos se entreguem "[...] à leitura despretensiosa de uma obra literária", porque é essa leitura que vai levá-los, como confirma Neitzel (apud Debus;Domingues;Juliano ( 2010, p.18), a "um processo individual e subjetivo de observação, análise, julgamento, ponderação, articulação e construção de conceitos".

É preciso mais incentivo aos docentes para que através de diferentes possibilidades, tais como formação continuada e acessos a diferentes tipos de literaturas, despertem em seus alunos a curiosidade e o interesse pelos livros. Ler é viajar sem sair do lugar, é fantasiar, é inventar histórias, é imaginar um arco-íris de infinitas cores. A literatura deveria aparecer, primeiramente, não como atividade didática, rompendo com o que já está estabelecido, é o ler por ler.

Debus (2004, p.15) explica que "Monteiro Lobato também se preocupava com a formação de leitores, em especial aqueles que tiveram sua infância nas décadas de 20, 30 e 40 do século XX, período em que o escritor se encontrava em plena atividade literária". Debus (2004, p.16-17) continua dizendo que:

> Leitor costumaz, Monteiro Lobato já na tenra infância descobriu nos livros o prazer da leitura e, quando envereda pelo mundo da escrita, traz em seus textos o interesse constante pelo outro, o leitor. No seu discurso, quer seja o

> ficcional, quer seja o teórico, se assim podemos denominar os seus artigos e cartas, observa-se a preocupação constante com o papel do leitor, da leitura e do livro. É uma preocupação que vai ganhando força e se consolida na sua literatura infantil, resultando no que consideramos um projeto de leitura desenvolvido pelo escritor. Por esse viés, a sua literatura infantil não é considerada um mero "acidente" ou "imprevisto" na sua caminhada literária, mas, sim, resultado de uma longa reflexão.

É isso que queremos para as nossas crianças: que o prazer da leitura venha desde a tenra infância. Que o estímulo da leitura esteja presente sempre, dentro ou fora de uma sala de aula. Queremos crianças famintas por leitura, por conhecimento.

## 3.1 LITERATURA INFANTIL

> [...] temos de ser ímãs; e passar de galopadas pelos livros, com casco de ferro imantado, para irmos atraindo o que nas leituras nos aproveite, por força de misteriosa afinidade com o mistério que somos. Ler não para amontoar coisas, mas para atrais coisas. Não coisas escolhidas conscientemente, mais coisas afins, que nos aumentam sem o percebermos. (LOBATO, *apud*Debus, 2004).

Essa reflexão de Monteiro Lobato sobre o ato de ler distingue o seu permanente diálogo com a adequação do material lido. A leitura deve ser considerada uma forma de conquista, em que o leitor sai mais rico do que antes, mesmo que inconscientemente. O ato de ler tem que propagar um poderoso artifício, um imenso prazer, e não deve ser considerado uma obrigação. De acordo com Abramovich (1995, p.17):

> [...] ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo). É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas...Abramovich (1995, p.17)

É viajar na literatura e tentar vivenciar o que os personagens das histórias sentem. Cada criança deve se familiarizar com a história e, assim, ser cativada.

A prática da leitura aparece em nossas vidas desde o momento em que começamos a entender o mundo em que vivemos e as coisas que estão à nossa volta. Temos vontade de descobrir e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de decifrar o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a realidade ficcional com a que vivemos, no contato com um livro, enfim, estamos lendo sem perceber. Para a criança, ler deve ser um ato valioso, uma forma de ter acesso às informações e, com elas, buscar melhorias para interpretar o mundo e ela encara a leitura de um modo divertido. Segundo Debus; Domingues; Juliano ( 2010, p.105):

> As crianças têm, de maneira geral, uma leveza e uma disponibilidade exemplares para acatar o divertimento, o humor, de tal forma que arriscaria dizer que isso lhes é próprio. Os adultos, em sua maioria, tornaram-se casmurros, sisudos, de uma seriedade que os engessa. No entanto, nossas reminiscências infantis guardam entusiasmos que arrancam de nós, a qualquer tempo, sorrisos e aplausos para bufões, para trupes e espetáculos circenses, para situações e para divertidas falas.

É ler sem compromisso, sem cobranças, é divertir a si e aos outros. Esse divertimento deve estar diretamente ligado à alegria, ao prazer.

A atividade de leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se lê. Segundo Kleiman (1995, p. 15), “quando falamos sobre a necessidade do conhecimento prévio de mundo para a compreensão da leitura, podemos alcançar o caráter subjetivo que essa atividade assume”. Conforme afirma Boff (1997, p. 59):

> [...] cada um lê com os olhos que tem. E interpreta onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender o que alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isto faz da leitura sempre um releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animas. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Sendo assim, fica evidente que cada leitor é co-autor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita.Boff (1997, p. 59)

O importante é perceber o que a criança compreendeu e interpretou de cada história. A partir daí, podemos começar a pensar sobre o relacionamento leitor-texto. Já dissemos que ler é, acima de tudo, compreender. O leitor precisa estar comprometido com sua leitura e manter

um posicionamento crítico sobre o que lê. Quando atende a esse anseio, o leitor se projeta no texto, levando para dentro dele toda sua vivência pessoal, com suas emoções, expectativas, seus preconceitos etc. É por isso que a leitura toca a pessoa que lê. Assim, o leitor vivencia o que acontece no texto e se confunde com ele, em busca de seu sentido. Isso é o que afirma Barthes (2002, p. 13), quando compara o leitor a uma aranha: "[...] o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido - nessa textura -, o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolve ela mesma nas secreções construtivas de sua teia."

É mergulhar no texto e fazer dele uma continuação do pensamento, da imaginação.Quando a leitura se torna um ato frequente, ajuda a criar laços com o mundo da escrita. A proximidade com o mundo da escrita, por sua vez, facilita o letramento e a alfabetização e ajuda em todas as disciplinas, já que o principal apoio para o aprendizado na escola é o livro didático.

Debus (2004, p.43) explica que o historiador Roger Chartier distingue dois conjuntos de dispositivos utilizados na feitura do livro, que não podem ser confundidos:

> [...] os procedimentos de produção de texto e os procedimentos de produção do livro. O primeiro, puramente textual, é aplicado pelo escritor na confecção do texto, com o objetivo de produzir efeitos que garantam a boa leitura e a compreensão desejada. O segundo, de feição tipográfica, corresponde às estratégias utilizadas pelo editor-livreiro para seduzir o público-leitor: tipografia, ilustração, a disposição e a divisão do texto, entre outras.

Refletindo sobre os procedimentos adotados por Monteiro Lobato para agarrar e atrair o público leitor, principalmente o leitor mirim, ultrapassa-se os critérios que se alongam na qualidade estética e nos dispositivos textuais, buscando-se destacar as condições externas que determinaram a obra lobatiana, especialmente a infantil, contribuindo para o seu sucesso. De espírito objetivo, o escritor estudava e burlava o estilo de fazer literatura da sua época.

Debus (2004, p.49) comenta que Lobato acreditava que o ato de ler e o incentivo à leitura esteve sempre ligado a duas instituições: a biblioteca e a escola.

A primeira biblioteca criada exclusivamente para crianças, no Brasil, foi organizada e inaugurada em 14 de abril de 1936, na cidade de São Paulo. Desde a sua fundação, Lobato se envolve nos projetos de promoção de leitura desenvolvidos pela Biblioteca Municipal Infantil

de São Paulo, que em 1955 começa a ser denominada oficialmente de Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

Os primeiros títulos da literatura brasileira datam do final do século XIX. Após, surgiu Monteiro Lobato, com seu primeiro livro, *Narizinho Arrebitado,* e, mais adiante, muitos outros que até hoje conquistam milhares de crianças, estimulando o gosto e o prazer de ler.

Nas últimas décadas do século XX, a literatura infantil despertou o interesse de alguns pesquisadores. O crescente interesse de pesquisadores pela Literatura Infantil e Juvenil contribuiu para que uma extensa publicação surgisse na área, seja em forma de livro, seja em outros meios de publicação impressa (dissertações, teses, revistas, boletins etc.). Os avanços tecnológicos também contribuíram para a divulgação das pesquisas realizadas em diferentes países. Por meio da *internet* torna-se possível o acesso rápido a revistas eletrônicas, *sites* de núcleos e grupos de pesquisas, bem como blogues de diferentes instituições.

As iniciativas de despertar o interesse das crianças pela literatura podem contribuir no interesse das crianças pelos livros, e sendo de fundamental importância para a inserção da criança na vida leitora, faz-se necessário refletir sobre a produção literária destinada a esse público, bem como a sua importância na formação de futuros professores.

Quando falamos sobre as obras de Monteiro Lobato e sobre a contemporaneidade, o homem sempre faz das guerras uma maneira de sobreviver e concorrer com os outros indivíduos. E desse modo, mantém o poder e a dominação sobre o seu semelhante, que ele considera não tão semelhante assim, pois o homem prefere um subordinado. Essa é uma característica, uma expressão coletiva de alguns grupos sociais contemporâneos e não passou despercebido por Monteiro Lobato. Em uma passagem do seu livro intitulado *A chave do tamanho*, Lobato (2008, p.104) comenta:

> Nem Emília era perdoada por suas recaídas autoritárias, merecendo vez ou outra um “chega pra lá” da turminha do Sítio; mas sobrava-lhe topete para se redimir, até porque o extremo de seu egoísmo eram birras de boneca mimada (que o diga o pobre Visconde de Sabugosa!), e intolerância ela demonstrava, mesmo, era com tudo o que pudesse flagelar a humanidade. A tal ponto isso a angustiava, que chegou a diminuir o tamanho dos homens para acabar com a II Guerra Mundial, como se pode ver em A chave do tamanho: ou eu acabo com a guerra e com esses ódios que estragam a vida, ou acabo com a espécie humana. Comigo é ali na batata!

Lobato procurava demonstrar suas indignações, muitas vezes, através dos rompantes da boneca Emília. Nos serões que Dona Benta realizava, sempre eram destacados assuntos, como democracia e respeito ao ponto de vista alheio. Lobato (1972, p.100) observa que "estamos ainda, infelizmente, num período em que a criança em vez de ser considerada como o dia de amanhã, não passa de *nuisance*. Animalzinho incômodo, para os pais e professores. Daí toda a monstruosa negligência a seu respeito".

Essa negligência citada acima deve-se ao fato de alguns professores despreparados considerarem as crianças como adultas e insistirem no fato de que elas podem entender suas palavras e opiniões como os adultos entendem, apenas basta dar uma dose menor de conhecimentos. Isso é considerado por Monteiro Lobato uma violência contra as crianças.

## 3.2 MONTEIRO LOBATO

Nascido na cidade de Taubaté, São Paulo, o escritor Monteiro Lobato, também chamado de Juca, teve uma infância que lembra muito as diversas histórias contadas na sua grande obra O Sítio do Pica-pau Amarelo. Através de fatos que vivenciou quando era criança, são contadas histórias que, mais tarde, originaram alguns de seus livros e seus personagens mais famosos. É retratada a fazenda da família, onde Lobato passou uma boa parte de sua infância. No livro, é comentado sobre um ribeirão onde ele se divertia vendo a escrava Joaquina pescar. A escrava inspirou a personagem de Tia Nastácia. Lobato e seu pai caçavam na mata, considerada uma aventura para o pequeno. Era um menino muito criativo e utilizava verduras e legumes para fazer bonecos e animais. O seu verdadeiro nome era José Renato, mas trocou por José Bento Monteiro Lobato devido a uma bengala de seu avó, que pertencia a seu pai e nela tinha a gravação de suas iniciais, J. B. M. L. Debus (2004, p.16) comenta que "já na tenra infância descobriu nos livros o prazer da leitura e, quando envereda pelo mundo da escrita, traz em seus textos o interesse constante pelo outro, o leitor". Em 1920, criou a primeira editora de livros no Brasil, a Monteiro Lobato e Companhia.

Lobato desempenhou uma função crucial na construção da literatura infantil brasileira, mas hoje em dia, é mais conhecido através da TV pelo programa O *Sítio do Pica-pau Amarelo* do que pelo seus livros.

Ao conhecermos um pouco melhor a história da literatura infantil brasileira, salta aos nossos olhos a importância do nome de Monteiro Lobato, um homem de espírito aberto a tudo. Zilberman (2003, p.11) diz que "Monteiro Lobato é parada obrigatória de todos os estudiosos da literatura brasileira". E a autora continua:

> Quem se detiver sobre sua obra, não deixará de reconhecer o exímio contista de *Urupês* e *Negrinha*, que, em textos anteriores a 1922, antecipou conquistas alcançadas somente com a consolidação do Modernismo, no final dos anos 20 e nos anos 30 do século XX. Quem se detiver sobre a criação de mundos imaginários, como é a tarefa dos ficcionistas, destacará sua capacidade de produzir um universo auto-suficiente, o Sítio do Pica-pau Amarelo, povoá-lo de seres fantásticos e mantê-lo vivo e atraente por muitas décadas.

Conhecido como o precursor da literatura para crianças no Brasil, Lobato foi, durante as primeiras décadas do século XX, o maior autor de livros para os poucos pequenos leitores que havia em nosso país, no referido período.

Conhecendo um pouco melhor a opinião do autor sobre a literatura infantil, opinião essa encontrada facilmente na correspondência que trocava com seus leitores, fica evidente que para ele esse era o seu maior objetivo, ou seja, produzir textos que privilegiassem a clareza e a simplicidade da linguagem, com “ausência de termos de complexa significação”. (DEBUS, 2004, p. 40).

Lobato iniciou sua vida como escritor produzindo obras para o público adulto e eterniza o seu nome na galeria dos grandes escritores nacionais. Porém, realizou-se escrevendo para o público infantil. Ele reconhecia a capacidade de agir de modo específico do leitor infantil. Segundo Debus (2004, p.40):

> Apesar de dizer que não poderia dar receita da reeditabilidade de sua obra, acaba por destacar na composição da literatura infantil três aspectos principais para a sua aceitação e sucesso junto ao leitor mirim: o vocabulário, o estilo e a linguagem.

Para Lobato, o texto destinado à criança deveria evidenciar o simples. No entanto, essa posição não significava que ele desdenhava da capacidade do leitor, mas uma adaptação aos cérebros ainda frescos das crianças. Lobato não subestimava a inteligência infantil, muito pelo contrário. Tratava as crianças como seres capazes de se expressar através de palavras e sentimentos. Não à toa criou inúmeros personagens que falavam a linguagem das crianças, atitude atípica para a época.

Quem se depara com as obras ou a vida de Monteiro Lobato não pode se furtar de abordar a importância que o renomado escritor dava ao seu público leitor, as crianças. Como um dos precursores da literatura infantil brasileira, Lobato não perdeu de vista o fato de que produzir uma literatura que despertasse o interesse do seu interlocutor era um dos caminhos para que essa literatura se tornasse tão difundida e respeitada, como era a literatura adulta.

Sua preocupação com a formação de leitores, com a leitura e com os livros, contudo, não se limitou à sua faceta de escritor. Lobato investiu dedicação e dinheiro também na carreira de editor, e não seria exagero afirmar que de 1919 a 1930 foi o mais importante promotor da literatura no Brasil, seja escrevendo, seja adaptando ou editando livros para as crianças.

A leitura dos livros de Monteiro Lobato pode ter influenciado nas escolhas literárias de muitos, marcando assim a vida leitora de algumas crianças. Debus (2004, p.122) destaca a possibilidade de ter sido a leitura das obras de Lobato, em especial a narrativa de *Jeca Tatuzinho*, a responsável pelo seu encaminhamento literário. O seu encanto pela leitura o fazia retornar sempre ao livro: “A verdade é que muitas vezes, depois, deixei de ir nadar com a molecada no regato do arrabalde para me debruçar de novo sobre aquela história maravilhosa do fraco que se tornou forte”.

Outro escritor que confessa que a leitura do “pessoalzinho do Sítio”, entre as lembranças da infância, a mais marcante e emocionante, é João Carlos Marinho. Ele comenta que “morar no Sítio, no mundo imaginário criado por Lobato, deixou-lhe marcas profundas que ainda ecoam em sua memória afetiva”. E continua: “Os livros de Lobato são inesquecíveis. Nunca mais deparei com o gomo de bambu ou um redemoinho de folha sem lembrar do Saci.” (Debus, 2004, p.122).

A escritora de livros infantis, Ruth Rocha, diz que “leu tantas vezes os livros de Lobato que já perdeu a conta”. Comenta que deve a Lobato a sua propensão de escrever para as crianças: “se resolvi escrever só para crianças foi só por causa dele, tamanha a influência que teve na minha infância”. (Debus, 2004, p.123)

São lembranças da infância de algumas pessoas que encontraram nas páginas dos livros de Monteiro Lobato a receptividade da literatura infantil.

## 3.3 ADAPTAÇÃO DAS OBRAS DE MONTEIRO LOBATO PARA A TV E SUAS VÁRIAS VERSÕES

“Adaptar é um pouco como redecorar”. (UHRY, apud HUTCHEON, 2011, p.5).

Antes de iniciar os comentários sobre o livro *Reinações de Narizinho*, do escritor Monteiro Lobato, e sobre o DVD de mesmo nome e suas adaptações, abordaremos as adaptações entre as diversas mídias. Hutcheon (2011, p.22) diz que “as adaptações estão em

todos os lugares hoje em dia: nas telas da televisão e do cinema, nos palcos do musical e do teatro dramático, na *internet*, nos romances e quadrinhos, nos fliperamas e também nos parques temáticos mais próximos de você". Entender esse processo de adaptação não é muito fácil, mas é importante pensar que a arte deriva de outra arte, as histórias nascem de outras histórias. As adaptações são tão importantes à nossa cultura que confirmam o que afirmou Benjamin (1992, p.90): "contar histórias é sempre a arte de repetir histórias".

A adaptação literária pode ser analisada em muitos e diferentes aspectos. O diálogo entre as mídias tornou mais árduo abdicar o direito do cineasta à interpretação do romance ou peça de teatro, e admite-se até que ele pode mudar determinados efeitos, oferecer outra forma de entender certas passagens, alterar a classe dos valores e definir novamente o sentido da experiência das personagens. A fidelidade ao original deixa de ser o maior fundamento de juízo crítico, valendo mais a apreciação do filme como nova experiência que deve ter sua forma, e os sentidos nelas aplicados, julgados em seu próprio direito. Afinal, livro e filme estão distanciados no tempo; escritor e cineasta não têm exatamente a mesma sensibilidade e perspectiva, sendo, portanto, de esperar que a adaptação dialogue não só com o texto de origem, mas com o seu próprio contexto.

Algumas adaptações, como filmes, muitas vezes são refilmados e adaptados inúmeras vezes, como o exemplo do naufrágio do navio chamado Titanic.[5] HUTCHEON, 2011, p.28-29) explica:

> A adaptação é repetição, porém repetição sem replicação. E há claramente várias intenções possíveis por trás do ato de adaptar: o desejo de consumir e apagar a lembrança do texto adaptado, ou de questioná-lo, é um motivo tão comum quanto a vontade de prestar homenagem, copiando-o. Adaptações tais como as refilmagens podem inclusive expor um propósito misto: homenagem contestadora, edipianamente ciumenta e, ao mesmo tempo, veneradora.

É aquela sensação de assistir qualquer programa ou filme que foi adaptado de um livro e pensar: "Quando li o livro, aquela cena não era assim". Quando lemos um livro muitas vezes, percebemos que os detalhes são mais explorados e, com certeza, cada um visualiza algumas cenas de modo diferente.

---

[5]No mesmo ano que ocorreu o naufrágio, o cinema investiu milhões para a realização de dois filmes e anos depois vários outros lançamentos no cinema e na televisão tiveram como tema o naufrágio e amores fictícios dentro de uma situação real, dramática e fictícia. Savedfromthetitanic (1912), Atlantic (1929), Titanic (1943), Titanic (1953), A nighttoremember (1958), S.O.S. Titanic (1979), Titanic (mini-série de televisão de 1996), Titanic (1997) entre outros, são algumas adaptações sobre esse famoso e trágico naufrágio. Em 2012 foi lançado a versão 3D do filme de 1997, do diretor James Cameron, tendo os atores Leonardo Di Caprio e Kate Winslet nos papéis dos personagens principais.

Groensteen (apud HUTCHEON, 2011, p.24-25) afirma:

> Se as adaptações são, por definição, criações tão inferiores e secundarias, por que estão assim presentes em nossa cultura e, de fato, em número cada vez maior? Por que, de acordo com as estatísticas de 1992, 85% de todos os vencedores da categoria de melhor filme no Oscar são adaptações? Por que as adaptações totalizam 95% de todas as minisséries e 70% dos filmes feitos para a TV que ganham o Emmy Awards? Parte da resposta certamente tem a ver com a aparição constante de novas mídias e canais de difusão em massa.

Hoje em dia, os filmes que ganham milhões de reais já na primeira semana de estreia são considerados um fenômeno de bilheteria. Quando precedido por um sucesso de vendas como livros (*best-sellers*) melhor ainda, pois o sucesso é mais que garantido. A publicidade feita em cima dessas adaptações é fundamental para a segurança desse sucesso "garantido". Thompson (apud HUTCHEON, 2011, p.26) comenta que "as multinacionais que hoje têm estúdios cinematográficos já possuem os direitos para histórias em outras mídias, para que dessa forma possam recriá-las para os videogames, por exemplo, e depois comercializá-las em suas estações televisivas".

As adaptações dos livros de Monteiro Lobato para a televisão também apostaram no "seguro". Como os livros já eram um sucesso entre o público infantil e juvenil, nada mais natural do que adaptá-los para a TV. Como nos informa Debus (2004, p.93-95) a primeira adaptação da literatura infantil de Monteiro Lobato para a televisão se deu em 1951, pelaTV Tupi; em 1968/1969 pela TV Bandeirantes e na década de 1970/1980 pela Rede Globo/TV Educativa.

A marca O *Sítio do Pica-pau Amarelo* é comercializada por diferentes empresas. Os produtos variam de livros, DVDs, brinquedos, *kits* de festas infantis, fantasias etc.

Hutcheon (2011, p. 32) explica que:

> A maioria das teorias da adaptação presume que a história é o denominador comum, o núcleo do que é transposto para outras mídias e gêneros, cada qual trabalhando em diferentes vias formais e, através de diferentes modos de engajamentos – contar, mostrar ou interagir. A adaptação buscaria, em linhas gerais, "equivalências" em diferentes sistemas de signos para os vários elementos da história: temas, eventos, mundo, personagens, motivações, ponto de vista, consequências, contextos, símbolos, imagens, e assim por diante.

Os personagens também podem ser levados de um texto a outro, e, a rigor, como diz HUTCHEON (2011, p.33), "são cruciais aos efeitos retóricos e estéticos de textos narrativos e performativos, pois engajam a imaginação dos receptores através do que se chama de

reconhecimento, alinhamento e aliança". É o que acontece com a personagem de Pedrinho, neto de Dona Benta, que mora na cidade, mas passa as férias no sítio. Ele circula tanto pelo meio urbano como pelo meio rural. Leva para o sítio um computador e explica para Dona Benta como usá-lo, fazendo a ponte entre o moderno, onde ela manda *e-mails* para os amigos, e o antigo, que era o de escrever cartas e mandar pelo correio.

A escritora catarinense Maria de Lourdes Krieger (apud DEBUS, 2004, p.122) afirma que:

> [...] os livros de Lobato lhe fizeram ver que a representação das personagens poderia ultrapassar a esfera do maravilhoso, com suas fadas e princesas e trazer crianças comuns, próximas a seu universo real. A representação da boneca Emília "com o corpo igual a das bonecas que poderíamos ter – mas tão, ah! Tão mais gente".

As personagens de Dona Benta utilizando um computador e a da boneca Emília retratada como uma boneca-gente são fatores que humanizam as personagens, trazendo-as para mais próximo do leitor.

## 3.4 DO LIVRO AO FILME

Analisando vários livros escritos por Monteiro Lobato, vê-se que são especiais. O autor tinha um jeito próprio de escrever, muito avançado para a época, no início do século XX. O autor, cansado das fábulas traduzidas de outras línguas e que muitas vezes não se entendia a história, resolveu contar histórias simples e fáceis de serem lidas e entendidas. É muito comum encontrar nos seus livros palavras antigas do nosso português e que são mantidas até hoje, como na frase onde tia Nastácia fala com Dona Benta: "Impossível, sinhá! Isso é coisa que nunca se viu. Narizinho está mangando com mecê".

Nas suas histórias, as crianças têm vez. Numa época onde apenas os adultos podiam expressar suas opiniões e as crianças não podiam nem falar na hora do jantar, Monteiro Lobato conquistou o público por causa da liberdade que ele dava às crianças do *Sítio* de falarem o que bem entender, mediadas, é claro, pela Dona Benta. Como observa DEBUS, (2004, p.86), "Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da

criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão". Essa característica fica evidente em quase todas as suas obras.

Os DVDs Reinações de Narizinho (1982-2010) e No Reino das águas claras (2001) são dois dvds que foram analisados e foram feitas algumas comparações com o livro Reinações de Narizinho, volume 1 e 2, ano 2009. Quando assistimos aos DVDs *Reinações de Narizinho e No reino das águas claras*, percebemos algumas mudanças nos personagens e fica a pergunta: isso é Monteiro Lobato ou uma adaptação para agradar ao público? Um exemplo é quando aparece Dona Benta usando um computador e enviando um *e-mail* para o neto Pedrinho perguntando quando ele chega ao Sítio.

O DVD é uma reprodução (sem corte) do programa de televisão que foi ao ar pela Rede Globo em 2001. *Sítio do Pica-pau Amarelo* é uma série de televisão brasileira, baseada na série de livros homônima de Monteiro Lobato.

Seja como for, talvez esse seja um dos motivos pelo qual o livro *Reinações de Narizinho,* lançado no ano de 1931, continue fazendo tanto sucesso entre o público infantil. É evidente que se a televisão deu a Lobato uma maior dimensão de suas obras, o interesse do público por seus livros e, em especial, *Reinações de Narizinho,* só poderiam aumentar, aguçando a curiosidade dos seus leitores. *Reinações de Narizinho* é mais do que um livro. É uma coleção de histórias, cada uma com seu começo, meio e fim. São nessas histórias que o autor abre para os leitores os portões do *Sítio do Pica-pauAmarelo*. A cada história lida vai se conhecendo os personagens que fazem parte desse universo mágico. Tem a menina do nariz arrebitado, chamada Lúcia, mais conhecida como Narizinho. A sua avó, Dona Benta. A sua boneca Emília, feita de sobras de retalhos, pela tia Nastácia, uma negra de estimação. O seu primo, Pedrinho, que mora na cidade, que vem sempre passar as férias no Sítio. O Visconde de Sabugosa, uma espiga de milho muito inteligente, que vive caindo atrás do armário e está sempre embolorado. O leitão Rabicó, que acaba virando marido da boneca.

Para analisar a infância que é retratada de maneira diferente, tanto no livro quanto no DVD, escolheu-se algumas passagens do livro *Reinações de Narizinho* e também as mesmas passagens do DVD de mesmo nome. No livro, o narrador é o próprio autor que escreve as estripulias de Lucia, que quer descobrir como a boneca Emilia começou a falar e no decorrer da leitura, mostra as diferentes aventuras vividas pelos personagens do Sitio. Quando assistimos ao DVD, o narrador é a própria imagem, que nos mostra todo o encanto do Sítio e seus diferentes habitantes. Alguns diálogos que acontecem no livro e no dvd são muito parecidos, senão idênticos. Para as crianças que ainda não são alfabetizadas, o dvd é um forte atrativo para se conhecer a primeira história infantil escrita por Monteiro Lobato.

Debus (2004, p.76) explica que:

> Na primeira versão de *Narizinho Arrebitado*, a aventura vivida pela menina Lúcia no Reino das Águas Claras não passa de um sonho, despertado por uma voz que lhe diz que Dona Benta está chamando. Já a versão de 1931, a menina escuta a mesma voz e todos os personagens do reino somem por encanto, e ela, envolvida por uma ventania, retorna ao Sítio.

No DVD, essa cena aparece como está escrito no livro, apenas mais resumida. A cena começa com a menina dormindo na beira do riacho e a convite de um peixe-príncipe, visita o Reino das Águas Claras. Mas, ao ouvir a voz de Dona Benta chamando, desperta e volta para casa.

O livro, assim como o DVD, começa de uma maneira envolvente, que fica impossível não imaginar como seria tal lugar:

> Numa casinha branca, lá no Sítio do Pica-pau Amarelo, mora uma velha de mais de 60 anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando: " Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...". Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas – Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. Narizinho tem 7 anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos. Na casa ainda existem duas pessoas – Tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emilia, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emilia foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobrancelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa. Apesar disso, Narizinho gosta muito dela, não almoça nem janta sem a ter ao lado, nem se deita sem primeiro acomodá-la numa redinha entre dois pés de cadeira. Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão que passa pelos fundos do pomar. Suas águas, muito apressadinhas e mexeriqueiras, correm por entre pedras negras de limo, que Lúcia chama as "Tias Nastácias do rio". (Lobato, 2011 p.11)

Ao ler esse trecho do livro, já se pode imaginar o lugar, cheio de encanto e vida. É de uma simplicidade e sutileza que conquista quem o lê.

Mesmo quem nunca leu o livro de Monteiro Lobato, quando assiste ao DVD *Reinações de Narizinho* pela primeira vez também fica conhecendo o Sítio desse mesmo jeito, pois a menina Lúcia, no DVD *Reinações de Narizinho*, lê esse trecho todo do mesmo jeito que está escrito no livro.

A passagem no livro em que Lúcia sentiu os olhos pesados e deitou-se na grama com a boneca no braço, e ficou seguindo as nuvens que passeavam pelo céu, formando ora castelos,

ora camelos, é um dos vários momentos em que a menina começa a imaginar situações para "viajar" e realizar suas reinações, é a mesma relatada no DVD. Até as falas são iguais.

Vamos acompanhar um pequeno trecho dessa aventura:

> [...] e já dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz. Vestido de gente, sim! Trazia casaco vermelho, cartolinha na cabeça e guarda-chuva na mão – a maior das galantezas! O peixinho olhava para o nariz de Narizinho com rugas na testa, como quem não estava entendendo nada do que vê. A menina reteve o fôlego de medo de o assustar, assim ficando até sentir cócegas na testa. Espiou com o rabo dos olhos. Era um besouro que pousara ali. Mas o besouro também vestido de gente, trajando sobrecasaca preto, óculos e bengala. (Lobato, 2011, p.12)

O livro se concentra mais nas personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo. Para a época onde se passa as aventuras, era impossível uma criança ter vez e voz. Narizinho é de uma inteligência peculiar, espontânea e atrevida, suas falas e conclusões são sempre embasadas nas histórias que Dona Benta conta para as crianças.

A boneca de pano e o sabugo de milho têm características de leitores. Debus (2004, p.141) comenta:

> Emilia adora ouvir e contar histórias,lê jornais e possui uma biblioteca fictícia "feita de pedacinhos de papel de jornal, cortados do tamanho de palhas de cigarro e presos com alinhavo muito mal feito [...], porém, acreditava-se mais feliz quando não sabia ler, em especial jornais: "Depois que aprendi a ler e comecei a ler jornais, comecei a ficar triste. Comecei a ver como é na realidade o mundo. Tanta guerra, tantos crimes, tantas perseguições, tantos desastres, tanta miséria, tanto sofrimento [...].

Debus (2004, p. 141-142) continua:

> O visconde de Sabugosa, membro da academia de letras, privilegia, na maioria das vezes, leituras técnicas, como tratados de geologia, aritmética e ciências naturais. Seu próprio organismo é formado pelo mundo da leitura: em vez de tripas na barriga tinha "uma maçaroca de letras e sinais algébricos". O nobre sábio habita entre os livros, numa moradia nada comum, paredes como dicionários, *O banquete*, de platão como mesa, é a cama um exemplar da *Enciclopédia do Riso* e da *Galhofa*.

A boneca Emília é mais espevitada, fala o que vem à cabeça sem se importar com as consequências. Às vezes, chega a disputar espaço com os demais personagens do Sítio. Dona Benta e o Visconde de Sabugosa são os que a mantêm "sob controle", sempre dando uma pitada de bom senso às suas mirabolantes estórias e desmandos. Numa de suas ideias

mirabolantes, a boneca quer escrever sobre a sua visão da vida de Lobato. A vovó explica que ela terá que pesquisar sobre a vida do autor. Mas a boneca não quer seguir seu conselho e constrói uma história do seu ponto de vista. Dona Benta, opondo-se a essa rebeldia, reitera seu ponto de vista. Segue um pequeno trecho do livro Minhas memórias de Monteiro Lobato, da autora Luciana Sandroni sobre essa discussão :

> [...] você não está fazendo poesia e sim uma biografia. Não pode inventar a vida de uma pessoa que nasceu, foi criança, cresceu, publicou livros, casou. Você tem que pesquisar, ver datas, os nomes. Tem que ler todos os livros sobre ele, mas sem inventar. Vá lá que você invente nas suas memórias o que não aconteceu realmente, mas nas dos outros é demais, Emília! (SANDRONI, 1997, p.7).

A boneca é assim: quando põe uma ideia na cabeça é teimosa e muitas vezes não mede suas palavras. É como compará-la a uma criança que começa a contar histórias e a inventar, a fazer sua própria literatura.

As características da personagem da boneca Emília, como o seu comportamento irrequieto, numa sociedade disciplinadora, geram conflitos para a época em que ela foi criada e para a sociedade contemporânea, pois se antigamente reinava a disciplina, hoje em dia as crianças vivem no que a autora Coelho (apud DEBUS, 2004, p.87) chama de “liberação disciplinar”. Segundo Coelho (1981, p. 380 apud DEBUS, 2004, p. 87), “algumas características da literatura de Lobato, que no seu tempo eram novidades e apresentavam-se como renovadoras para os leitores, hoje são ultrapassadas devido às transformações sociais e culturais”. Debus (2004, p.87) explica que:

> As características da personagem Emília passam por uma constante revisão e leituras. O individualismo exacerbado e o comportamento “amoral” da boneca ora são tratados como o que poderíamos chamar de transgressor e emancipatório para a época, ora recebem críticas quanto à sua receptividade atual, já que existe um grande distanciamento do leitor de hoje com aquele mundo de ontem.

Quando lemos o livro *Reinações de Narizinho* e assistimos ao DVD nos é apresentado o personagem Emília, ela nos conquista de imediato, pelo seu jeito extrovertido e verdadeiro de dizer o que pensa. No caso da adaptação, a história, mais do que seduzir pela palavra, seduz por agregar à palavra os recursos de imagens e sons. Também seduz, mas não no sentido negativo que as pessoas (senso comum) comumente se referem à programação na TV.

Dona Benta e Tia Anastácia são algumas das personagens adultas do livro. Dona Benta é a mediadora, narradora das diversas histórias que encantam as crianças do Sítio. Duas

mulheres que possuem diferentes culturas marcantes com origem em fatores históricos, sociais e econômicos. Debus (2004, p.141) explica:

> A primeira é representante de uma cultura erudita, conhece várias línguas e apropria-se dos textos na língua original, seja ela o italiano, o inglês ou o francês; leitora experiente e competente, orquestra a cerimônia de apropriação da leitura pelas demais personagens. A segunda é portadora de uma cultura popular e ágrafa, para Tia Nastácia, "o livro não passa duma porção de folhas de papel", nos serões reservados à leitura coletiva, muitas vezes ocupa sem tempo com idas à cozinha.

São duas personagens que representam muito bem pessoas da nossa família. A avó que, muito experiente, repassa suas vivências para todos da família, sempre muito solicitada e sempre disposta a ajudar. A outra personagem representa aquela pessoa que acompanha todos da família, encarregada de cuidar da casa e de todos.

Pedrinho é o menino corajoso, que gosta de caçar. Onças, veados, jaguatiricas, tatus, gaviões, besouros cascudos e até um rinoceronte fugido de um circo fazem parte do universo de Pedrinho, que ganhou um livro *As caçadas de Pedrinho*. Nesta história, Pedrinho lidera uma caçada à onça-pintada que se escondia na mata de taquaraçus próxima ao Sítio do Pica-pau Amarelo. No comando da expedição formada por Narizinho, Emília, Rabicó e Visconde de Sabugosa, ele sai atrás das pegadas da fera, e com valentia e um pouco de medo, arma a maior confusão entre os animais silvestres.

Apesar de arriscada, a caçada à onça é divertida e cheia de surpresas. Mas vale lembrar que, nos dias de hoje, é crime matar, perseguir ou caçar espécies da fauna silvestre, nativas ou em rota migratória.

Narizinho e Pedrinho, apesar de não serem apresentadas como leitores fluentes, já possuem um repertório de leituras individuais. Debus (2004, p.141) comenta:

> Narizinho contempla livros maravilhosos como *Alice no país das maravilhas* e *Peter Pan*; Pedrinho é leitor assíduo dos jornais que circulam no Sítio e possui um repertório de leituras individuais que incluem *Carlos Magno* e os dozes pares de França, Mowgli, o menino-lobo, entre outras historias que priorizam o espírito de aventura.

A citação acima nos faz pensar que apenas contemplar os livros já é uma grande aventura. Lê-los, então, é uma forma de participar da história de forma ativa e viajar em algumas leituras, priorizando o estilo de cada um.

Seja como for, Monteiro Lobato marcou e continua marcando gerações. Seus livros são atuais e continuam interessantes para todos os tipos de crianças, independente de sua

classe social. Através de seus livros, em especial *Reinações de Narizinho*, podemos viajar para onde quisermos e aprender que ler pode ser uma aventura estimulante e inesquecível. Afinal, um país se faz com homens e livros.

## 4 CONDIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte desta dissertação conseguimos esboçar uma ideia a importância da imagem na infância e analisar como a imagem está cada vez mais cativante e sedutora. O objetivo geral foi analisar como as crianças lidam com as mídias, principalmente a televisão, onde a imagem é predominante e a contribuição que a mídia, particularmente a televisiva, teve e continua tendo na infância. Analisada em diferentes épocas, essa imagem sofreu profundas mudanças socioculturais.

A mídia, principalmente a televisiva, como vimos no decorrer desta dissertação, está presente em quase todos os lares brasileiros como um instrumento de entretenimento e diversão. E nas escolas, como instrumento didático que pode e deve ser explorado pelos educadores como uma arma muito importante para o aprendizado. Utilizando corretamente essa mídia, podemos fazer com que os alunos saibam diferenciar, futuramente, os programas e distinguir o que devem ou não assistir, fazendo análises críticas sobre esse ou aquele assunto.

Ainda, no primeiro capítulo, passamos pelas diferentes concepções de imagens de infância durante alguns séculos e como essas mudanças contribuíram para a ideia de infância que temos atualmente. Foram feitas leituras sobre a infância, imagem e mídia que embasaram essa pesquisa. Concluiu-se que cada sociedade, em diferentes épocas, possuia uma construção social a cerca de infância. Algumas experiências foram utilizadas para completar esse "sentimento de infância". Foram pesquisadas e comentadas algumas mudanças que ocorreram por causa da televisão e como as crianças assimilam essas mudanças tão rápidas. O consumo ficou mais evidente e a imagem televisiva mais presente nos lares e cotidiano das crianças brasileiras.

Algumas perguntas foram surgindo durante todo o processo de investigação desta dissertação, e que ao longo de anos de experiência na Educação Infantil e Anos Iniciais de sua autora ficou quase que impossível respondê-las, pois não existe nenhum autor que as fundamentem.

Inicialmente, pensamos nas narrativas visuais da televisão, que são fontes culturais acessíveis a quase toda a população e que competem diretamente com as narrativas literárias. Hoje é muito mais fácil uma criança conhecer uma história contada através da tela do cinema, através de um filme, do que procurar conhecer a mesma história contada através de um livro.

A segunda parte desta dissertação atentou-se em demonstrar um pouco sobre a literatura infantil e sobre as obras do mestre Monteiro Lobato, um homem à frente de sua época, que evidenciou a inteligência das crianças e seu poder de falar, argumentar e, às vezes,

criticar os adultos. Através da leitura de algumas de suas obras, e utilizando a literatura como suporte, foi-se conhecendo mais e mais sobre o universo literário do autor, apresentado para algumas crianças através dos seus inúmeros livros e dvds.

Percebemos um desinteresse por parte das crianças em relação à leitura e o evidente interesse pelas diferentes mídias existentes no mercado. É muito mais rápido e divertido assistir a um filme do que ler um livro. Mas com as diversas iniciativas de retomar a literatura de um modo geral, incentivamos o despertar crescente das crianças pelos livros. Quando a leitura se torna um ato frequente, este mesmo ato ajuda a criar laços com o mundo da escrita. A proximidade com o mundo da escrita, por sua vez, facilita o letramento e a alfabetização e ajuda em todas as disciplinas, já que o principal apoio para o aprendizado na escola é o livro didático. Ler se torna importante porque ajuda a consolidar a grafia correta das palavras. Pesquisas do mundo todo mostram que a criança que lê e tem contato com a literatura desde cedo, principalmente se for com o acompanhamento dos pais, conseguem ler, analisar um texto mais claramente, consequentemente, escrever muito mais fácil.

Por meio deste estudo foi possível concluir que as mídias estão presentes constantemente na vida familiar e escolar de nossas crianças e que podemos sim nos beneficiar desse instrumento para ajudar nossos alunos a se tornarem cidadãos críticos e donos de duas próprias decisões, não se deixando manipular por imagens sedutoras que muitas vezes só estão presentes para manipular e distorcer a realidade em que vivemos.

## REFERÊNCIAS


ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo : Scipione, 1995.

ALMEIDA, P.N. de. **Educação Lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

ÁRIES, Phillippe. **Historia social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

AUMONT, Jacques. **A imagem.** Tradução: Estela dos Santos Abreu e Claudio C. Santoro. 2. Ed. Campinas, SP. Papirus, 1995. Coleção Ofício de Arte e Forma.

BANDITER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: **o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUMAN, Zygmunt**Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2008b.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. São Paulo: Autores Associados, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari.5. ed. São Paulo: Summus, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre a literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Prefacio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1)

BERGER, John. **Modos de Ver**.Tradução de Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha, a metáfora da condição humana**. 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy; OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **A vidana escola e a escola da vida**. Petrópolis: Vozes, 1982.

COSTA, Marisa Vorraber. **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca, 1999.

DEBUS, Eliane. **Literatura infantil e juvenil:** leituras, análises e reflexões.Eliane Debus,Chirley Domingues, Dilma Juliano (organizadoras). Palhoça: Ed. Unisul, 2010.

_____.**Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido**. Itajaí: UNIVALI; Florianópolis: Ed. UFSC, 2004.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. Tradução em português: www.terravista. Pt/Ilha do mel/1540. 2003.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: **ensaios para uma futura filosofia da fotografia**.Rio de Janeiro: RelumeDamará, 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Linguagem, memória e história:** infância e pensamento. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GUARESCHI; Pedrinho A. **Mídia, educação e cidadania: tudo o que você deve saber sobe mídia**/ Pedrinho A. Guareschi, Osvaldo Biz. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação.**Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

JODELET, Denise. **Reflexions sur le tratement de la notion de representationsocial en psychologie sociale**: les representation, comunication, information. V.6. Montreal : [s.n], 1984.

JULIANO, Dilma Beatriz Rocha. **Engraçadinha: passagens e cortes. Nelson Rodrigues na televisão.** 1997. vi, 163 f; Dissertação (Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1997.

JULIANO, Dilma Beatriz Rocha. **Telenovelas brasileiras:** narrativas alegóricas da indústria cultural. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias:** o novo ritmo da informação. 2. Campinas, SP: Papirus, 2007.

KRAMER, Sônia. **Infância e educação infantil**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

KUHLMANN, M. **Educando a Infância Brasileira.** In: LOPES, E. M. T.;FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Org.). Belo Horizonte:Autêntica, 2000.

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigênciaseducacionais e profissão docente**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LISBÔA, Marli Lúcia. **Atividades lúdicas nos contextos de desenvolvimento da criança de uma comunidade de Florianópolis/SC**. Dissertação de Mestrado em Educação – UDESC: 2002.

LISBÔA, Marli Lúcia. **Brincando e teclando com alegria** / Marli Lúcia Lisboa, SilvaniraLisbôaScheffler. Florianópolis: [s.n], 2004.

LOBATO, Monteiro.**A criança é a humanidade de amanhã. Conferências, artigos e crônicas**. 14. ed. São Paulo, Brasiliense, 1972.

_____. **A chave do tamanho /** Monteiro Lobato; Ilustrações Paulo Borges. - São Paulo: Globo, 2008.

_____.**Críticas e outras notas**. São Paulo: Globo, 2009.

_____. **As caçadas de Pedrinho /** Monteiro Lobato; Ilustrações Paulo Borges. – 3 ed. – São Paulo: Globo, 2009.

_____. **Reinações de Narizinho: 1 e 2.** São Paulo: Brasiliense, 2010.

_____. **Memórias da Emília**. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

LOWY, Michael. **Ideologia e ciência social**. São Paulo: Cortez, 1985.

LUCAS, Meize Regina de Lucena. **Imagens do moderno: o olhar de Jacques Tati**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos, 1998.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MATTOS, Sérgio. **Domestic and Foreign Advertising in Television and Mass Media Growth: A Case Study of Brazil**. Tese de doutorado, The University of Texas, at Austin, 1982a.

ROSA, Nereide S. Santa. **Monteiro Lobato:** crianças famosas. São Paulo: Callis, 1999.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Barreto de. **Infância e historicidade.** São Paulo: PUC, 1989.

PELLEGRINI, Tânia. **Literatura, cinema e televisão.** São Paulo: Editora Senac; São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003.

PILOTTI, Francisco. **Crise e perspectiva da assistência à infância na América** Latina. In: _____; RIZZINI, Irene. **A arte de governar crianças**: a história das políticas sociais da legislação da assistência à infância no Brasil. Rio de Janeiro: Anais... 1995.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Trad. Susana Carvalho e Jose de Melo. Rio de Janeiro:Graphia, 1999.

PRIORE, Mary Del. **O papel branco, a infância e os jesuítas na colônia**. In:_____. **Historia da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

SAMPAIO, Marisa Narciso e LEITE, Ligia Silva. **Alfabetização tecnológica doprofessor**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANDRONI, Luciana. **Minhas memórias de Lobato**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna:** intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Tradução: Sérgio Alcides. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Primeira Conferencia Nacional de Educacao**: Curitiba, 1927. Brasilia: INEP, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa** / Nicolau Sevcenko; coordenação Laura de Mello e Souza, Lilia Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, João Carlos Marinho. **Conversando de Monteiro Lobato**. São Paulo: Obelisco, 1978.

*Sítio do Pica-pau Amarelo* – **Reinações de Narizinho**. São Paulo:TV Globo, 1982-2010. 1 DVD.

*Sítio do Pica-pau Amarelo* – **No Reino das Águas Claras**. São Paulo: Globo Marcas; Som Livre, 2001. 1 DVD.

SNYDERS, Georges. **Não é fácil educar nossos filhos**. Lisboa: Dom Quixote, 1984.

STONE, Lawrence. **Familia, sexo y matrimonio em Inglaterra: 1500 – 1800**. Mexico:Fondo de Cultura Economica, 1989.

VYGOTSKY, L. S. et al. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

XAVIER, Lindolpho. **Necessidades da pedagogia moderna.** Tese apresentada na 1" Conf. Nacional deEducação. Curitiba, 1927

ZILBERMAN, Regina. **O correspondente fiel e a pesquisadora incansável**. In: DEBUS, Eliane. **Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido.** UNIVALI. Ed. Florianópolis/Ed. UFSC, 2003.